

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP**

ISABELA VICENTE MONTI

**A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES e a contribuição analítica de Eva Illouz**



ARARAQUARA – S.P.

2019

ISABELA VICENTE MONTI

**A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES e a contribuição analítica de Eva Illouz**

Monografia de Conclusão de Curso (MCC)  
apresentada ao Conselho de Curso de Ciências  
Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Ciências sociais.

**Orientador: João Carlos Soares Zuin**

ARARAQUARA – S.P.

2019

ISABELA VICENTE MONTI

## **A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES e a contribuição analítica de Eva Illouz**

Monografia de Conclusão de Curso (MCC)  
apresentada ao Conselho de Curso de Ciências  
Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Ciências Sociais

**Orientador:** João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: 27/11/2019

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin – UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular** Dr. Carla Gandini Giani Martelli – UNESP/ Araraquara

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Renata Medeiros Paoliello – UNESP/ Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara.

## RESUMO

A monografia de conclusão de curso objetiva demonstrar, de maneira geral, a relevância teórica e conceitual do estudo e análise das emoções e sentimentos para as ciências humanas e, fundamentalmente, para a teoria sociológica, através de exemplos históricos, políticos e econômicos, de como as emoções podem ser instrumentalizadas por atores sociais hegemônicos. De maneira específica trabalhará com a sociologia das emoções desenvolvida por Eva Illouz, elucidando como o amor e a felicidade – enquanto duas construções históricas, culturais e sociais – sofreram transformações em seus sentidos e significados, a partir das décadas finais de século XX, quando o mercado desregulamentado politicamente expandiu seu raio de ação para todas as esferas da vida pessoal, mercantilizando relações sociais, convertendo as emoções e sentimentos em mercadorias inauditas e, também, passando a atuar como um importante construtor de emoções e estilos emocionais. Através das contribuições de Illouz, a monografia revelou como a cultura, as emoções e o capitalismo estão fortemente relacionados.

**Palavras-chave:** Eva Illouz. Emoções. Capitalismo

## **ABSTRACT**

The course conclusion monograph aims to demonstrate, in general, the theoretical and conceptual relevance of the study and analysis of emotions and feelings for the humanities and, fundamentally, for sociological theory, through historical, political and economic examples of how Emotions can be instrumentalized by hegemonic social actors. Specifically it will work with the sociology of emotions developed by Eva Illouz, elucidating how love and happiness - as two historical, cultural and social constructions - underwent transformations in their senses and meanings from the late decades of the twentieth century onwards. The politically deregulated market has expanded its scope to all spheres of personal life, commodifying social relationships, turning emotions and feelings into unprecedented commodities, and also acting as an important builder of emotions and emotional styles. Through Illouz's contributions, the monograph revealed how culture, emotions, and capitalism are closely related.

Key-words: Eva Illouz. Emotions. Capitalism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E A NOVA ETAPA DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO HUMANO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES E SENTIMENTOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS .....</b>	<b>18</b>
3.1 OS ESTADOS NACIONAIS E A NACIONALIZAÇÃO DAS MASSAS: A MANIPULAÇÃO DAS EMOÇÕES.....	19
3.2 A MANIPULAÇÃO DAS EMOÇÕES NOS ÚLTIMOS DECÊNIOS .....	23
3.3 AS EMOÇÕES E AS NOVAS FORMAS DE TRABALHOS .....	25
3.4 AS EMOÇÕES E AS NOVAS FORMAS DE MERCADORIAS.....	29
3.5 O POPULISMO EMOTIVO .....	34
<b>4 A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES DESENVOLVIDA POR EVA ILLOUZ.....</b>	<b>37</b>
4.1 PRÁTICAS DE CONSUMO OU ATOS DE AMOR? O CASAMENTO ENTRE MERCADO E ROMANCE .....	39
4.2 A GRANDE TRANSFORMAÇÃO DO AMOR E O NOVO SOFRIMENTO AMOROSO: ECOLOGIA DA ESCOLHA E ARQUITETURA DA ESCOLHA.....	44
4.3 O ETHOS TERAPÊUTICO E A POPULARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS PSI.....	50
4.4. O IMPERATIVO CONTEMPORÂNEO: SEJA FELIZ! .....	54
4.5. EMOÇÕES: UMA FÓRMULA DE SUCESSO PARA O NEOLIBERALISMO .....	62
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A vida é um movimento irregular, desigual e multiforme, escreveu o filósofo Michel de Montaigne (Ensaio, 1972, p.378), frase que nos leva a refletir sobre o fato da vida humana não estar destinada a possuir uma forma única, autêntica ou originária, ou a atingir um estágio final, na qual alcançaria o acabamento pleno de sentido e significado. Para o filósofo francês, que escreve suas reflexões acerca dos movimentos da vida humana na era moderna, podemos observar em todos os seus movimentos que a “vida é coisa delicada e facilmente se turva” (Montaigne, 1972, p.433), o que implica na necessidade sempre presente de refletirmos os movimentos nos quais a vida se revela, bem como, se oculta.

Partindo da reflexão suscitada pela frase de Montaigne, o presente trabalho objetiva demonstrar, de maneira geral, a importância do estudo e análise das emoções e sentimentos no âmbito da teoria sociológica. De modo específico aborda a sociologia das emoções desenvolvida por Eva Illouz a fim de evidenciar a maneira pela qual o amor e a noção de felicidade – como duas construções históricas, culturais e sociais – sofreram transformações em seus respectivos sentidos e significados, a partir das décadas finais do século XX, quando o mercado desregulamentado politicamente expandiu seu raio de alcance para todas as esferas da vida pessoal e coletiva, mercantilizando as relações sociais e convertendo as próprias emoções e sentimentos em mercadorias inauditas e em novos estilos emocionais.

Justifica-se tal proposta devido ao entendimento de que a análise das emoções – campo de estudo desenvolvido recentemente nas ciências sociais – potencializa a compreensão da realidade empírica, que se torna cada vez mais complexa na atualidade, fornecendo novas ferramentas analíticas para que se possam atualizar as categorias e conceitos clássicos da sociologia, bem como revelar o lado oculto do triunfo do capitalismo enquanto modo de produção hegemônico e processo civilizatório.

Inicialmente, farei uma exposição dos principais fenômenos de ordem política, econômica, cultural e tecnológica que viabilizaram uma profunda transformação no sentido e significado do espaço social, do tempo histórico, das autoridades e subjetividades na segunda metade do século XX, e que modificaram as emoções e os sentimentos, os valores e as ideias, as formas de vida e de identidade, de ação social e de relacionamentos. Na sequência, abordarei a importância do estudo das emoções para as ciências sociais, utilizando, para isso, as contribuições de diversos autores – filósofos, cientistas políticos e sociólogos, como, por

exemplo, Domenico Losurdo, Remo Bodei, Alain Ehrenberg e, também, Arlie Russell Hochschild – a fim de traçar um percurso histórico capaz de demonstrar como as emoções possuem um uso político, – elucidados neste trabalho através do fenômeno da nacionalização das massas e do populismo contemporâneo – e, ainda, uma utilização econômica, que viabilizou o surgimento de novas práticas de trabalho e atribuiu novas qualidades às mercadorias. Serão discutidos os conceitos de “Trabalho emotivo”; “populismo emocional” e “mercadorias emocionais”.

Por fim apresentarei a sociologia das emoções de Eva Illouz, resgatando algumas das suas obras e expondo não apenas os principais problemas de estudo por ela analisados, mas, também, os paradoxos que a autora apreende na modernidade. Assim, propõe-se tratar do entrelaçamento entre o amor romântico e diversas práticas de consumo, bem como da nova qualidade do sofrimento amoroso – a partir dos conceitos de economia da escolha e arquitetura da escolha – evidenciando a maneira pela qual a cultura codifica emoções e sentimentos. Também será abordada a ascensão do discurso terapêutico na sociedade contemporânea, capaz de definir e explicar como os indivíduos compreendem as subjetividades, identidades, sexualidade e intimidade, mediante a validação pública da autoridade e reconhecimento dos psicólogos e das ciências psicológicas. Ressaltando, ainda, que a psicologização da vida social retira a possibilidade de enxergarmos os problemas e contradições presentes na realidade empírica – as desigualdades, carências e queda dos quadros de referências comuns e compartilhadas – individualizando, muitas vezes, dores e sofrimentos que são coletivos e que apenas poderiam ser sanados mediante a ruptura com o ordenamento social existente. Finalizamos nossa abordagem do pensamento de Illouz tecendo uma crítica ao ideal hoje onipresente de felicidade e a maneira pela qual ele sustenta uma vasta indústria de mercadorias e objetos que “prometem” uma vida feliz aos indivíduos, enfatizando que a concepção de felicidade – difundida pela psicologia positiva – está profundamente relacionada com os valores do neoliberalismo.

A conclusão final esforça-se para demonstrar a relevância teórica e conceitual da sociologia das emoções, enfatizando que emoções e sentimentos são elementos culturais e sociais fortemente relacionados com a estrutura das instituições vigentes e das forças hegemônicas em um determinado tempo histórico e espaço social. Dessa maneira, propõe-se que a sociologia apenas tem a ganhar, enquanto ciência, com a intensificação de pesquisas e estudos neste campo.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E A NOVA ETAPA DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO HUMANO**

No final dos anos oitenta e, fundamentalmente, nos anos noventa, ocorre uma inflexão histórica no interior do processo civilizatório humano devido à radical ruptura efetuada pela globalização econômica e política e, conseqüentemente, pelos países vencedores da guerra fria, no interior de uma ordem social objetivada agora nos valores hegemônicos do neoliberalismo. Compreendendo o neoliberalismo como uma construção (histórica, política, econômica e social) sedimentada pela desregulamentação e descentralização dos movimentos dos capitais quando, após a queda do muro de Berlim (1989) e a dissolução da União das repúblicas socialistas soviéticas (1991), com a conseqüente derrota do comunismo, o capitalismo se tornou a principal força determinante das relações sociais, encontrando-se isento das regulamentações políticas que restringiam a economia de mercado e consolidando, junto ao boom da eletrônica, um salto de qualidade na mundialização do capital, fenômeno que havia começado a se produzir com intensidade crescente desde a origem da idade moderna (GALLI, 2001, p.119).

Nesse sentido a globalização econômica e política pode ser interpretada, segundo o filósofo político italiano Carlo Galli (2001), como uma época nova que promove a desvalorização dos vetores temporais e das arquiteturas espaciais da política moderna, deflagrando o fim do casamento forçado (STREECK, 2013), entre o capital e a força de trabalho, o capital e a cidade e, no limite, o capital e o Estado nacional, que ocorrera durante um período de trinta anos, conhecido como democracia moderna e Estado Social (1945-1975). Os acordos e os compromissos tecidos entre as forças sociais e políticas quando o capitalismo, ameaçado pelo comunismo no mundo bipolarizado, concedeu ao Estado Nação um forte papel na construção, manutenção e direção da vida social, foram rompidos com o fim da União das repúblicas socialistas soviéticas, possibilitando ao capital efetuar a reconquista do poder, prestígio e privilégios perdidos nestes trinta anos (GALLINO, 2012).

Ao definir a globalização essencialmente como ruptura, ausência de limites e deformação das geometrias políticas, Galli (2001,) viabiliza a apreensão de que, atrelado ao triunfo do neoliberalismo, nos anos noventa, solidifica-se o inverno polar da soberania do Estado Nação, da importância do território nacional, da nacionalização das massas e a conseqüente formação de um destino nacional comum e coletivo, bem como da mediação

estatal entre as forças sociais e políticas, da importância dos partidos políticos na formação educativa das massas e, ainda, do próprio Estado de bem-estar social.

Se, por um lado, a fábrica fordista pode ser considerada a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “imóvel” e “enraizada” (BAUMAN, 2001, p.69), correspondente ao período histórico da “primeira modernidade”, terminologia que designa um modelo societário fortemente industrial e nacional, que estabeleceu a política como o elemento mediador de todas as relações sociais, por outro lado, o deslocamento dos movimentos dos capitais promove uma dilatação espacial que transforma a compreensão do próprio senso do espaço, gerando novas formas de medida e métrica da realidade física, marcando o declínio do espaço local, regional e nacional e a ascensão do espaço mundial e global, o que produziu novas complexidades sociais.

A partir disso nos é possível destacar o surgimento, por exemplo, da empresa transnacional que, por sua vez, rompe com a lógica da fábrica fordista por não se encontrar confinada espacial e politicamente a nenhuma nação, inserindo-se em um espaço desmaterializado que possibilita a economia, tanto financeira quanto produtiva, fazer do Estado nacional apenas mais uma entre as diversas variáveis do processo econômico (GALLI, 2001). Compreendendo que “a mundialização do capital e o aumento brusco das capacidades técnicas produziram enormes efeitos em escala” (SASSEN, 2016, p.12) salientamos que o capital móvel promoveu profundas mudanças na arquitetura das cidades, favorecendo, nos países ricos do ocidente, o fenômeno da desterritorialização e desindustrialização e a consequente chantagem, por parte das empresas, do deslocamento, possuindo por finalidade a redução tributária e fiscal de seus encargos e gerando, assim, espaços desiguais de pobreza e riqueza, de imigração de mão de obra e de concentração de altas tecnologias, de domínio e de dependências (GALLI, 2001).

Ao investigar o projeto político da globalização econômica e as relações de força entre o capital e o trabalho, o sociólogo Luciano Gallino destaca o fato de que as classes dominantes, possuindo a intenção de resgatar sua primazia no cenário político, econômico e cultural, perdida durante o período da guerra fria, estabeleceram um novo processo de luta de classes que definiu, como um de seus objetivos, a contenção real do salário dos trabalhadores, diminuindo as rendas, recursos e oportunidades promovidas no período histórico do Estado Social e recolocando condições laborativas precárias que não apenas caracterizam a força de trabalho como uma mercadoria de baixo custo, mas também exigem um aumento sempre crescente da produtividade e performance ativa dos trabalhadores. Colocando, ainda, como finalidade

imediate do processo produtivo a extração de mais-valor, adotando uma ação predatória com relação ao trabalho, a sociedade e o meio ambiente. Esse modelo produtivo contemporâneo é denominado por Gallino (2005) de “empresa irresponsável” e pode ser definido pela ausência da necessidade das empresas prestarem contas de suas atividades às autoridades públicas ou privadas, não se importando com as consequências de suas ações.

É interessante pontuarmos que as condições laborativas desprovidas de uma proteção social (política, econômica e jurídica), proporcionadas pela força hegemônica do capital, tornam-se precárias e consolidaram o fenômeno do trabalho flexível, que significa a possibilidade objetiva do capital empregar e demitir funcionários a partir da demanda por produção de mercadorias (fim do fordismo e toyotismo e início da produção Just- in-time), deflagrando condições de trabalho equivalentes às do século XIX. Ainda sobre as relações que envolvem o capital e o trabalho, podemos destacar o desemprego estrutural enquanto uma consequência direta da revolução tecnológica da eletrônica, microeletrônica e robótica, que favoreceu o aumento quantitativo do trabalho morto em detrimento do trabalho vivo e orgânico o que, por sua vez, fez com que emergisse um cenário de hipercompetitividade que não mais se encontra no bojo do território nacional, situando-se agora no mundo global e rompendo com os vínculos de solidariedade entre os trabalhadores.

Carlo Galli (2012) afirma que a essência da globalização é a “mobilização global”, a capacidade técnica do capital em acionar, a qualquer momento, todos os recursos físicos e materiais, qualquer força de trabalho e meios de produção para seu uso próprio, sendo também símbolo de um conjunto intenso de processos que atravessam e abrem todo o espaço delimitado, mas que, ainda, se caracteriza por estabelecer uma nova relação com a dimensão temporal, onde os acontecimentos não se conectam de forma consecutiva, mas sim de modo simultâneo, superando a ordem linear das conexões entre os fatos e os acontecimentos. Para Bauman (2001) o tempo histórico sofre uma mudança de paradigma, sendo possível apreendê-lo e manipulá-lo através das descobertas técnico-científicas, que possibilitaram a ele se inserir na dimensão do instantâneo. O autor ainda ressalta que o sentido do tempo histórico é determinado pelo dinheiro após apresentar-se como uma potência capaz de vencer a resistência do espaço, encurtando distâncias, promovendo flexibilidade e possibilitando um deslocamento cada vez maior de indivíduos (BAUMAN, 2001, p. 147) e dos limites à valorização do capital expressos nos valores e nas ideologias contidas nas diversas forças sociais, religiosas e políticas.

Desse modo nos é possível dizer que a nova totalidade capitalista, inaugurada no final do século XX, a partir da globalização econômica e política e da consequente

desregulamentação da política, do deslocamento dos movimentos dos capitais e da revolução tecnológica, ao consagrar o neoliberalismo como nova força hegemônica no ordenamento social, promoveu uma mudança na configuração do sentido e significado do espaço social que, no limite, pode ser considerada como uma verdadeira revolução espacial (GALLI, 2001) e no tempo histórico. Porém é de fundamental importância enfatizarmos que o processo de desregulamentação também afetou a ordem cultural, atingindo diretamente o campo dos valores, das identidades, mentalidades, comportamentos, subjetividades e dos modos de vida dos indivíduos.

Para um entendimento historicamente bem fundamentado do neoliberalismo, primeiramente, devemos fazer uma breve digressão histórica que visa estabelecer a longa construção do processo ideológico liberal, que fundamentou ideias contrárias ao Estado Social e a democracia moderna, no qual destacamos a criação da fundação Mont Pèlerin Society, em 1947, pelo economista Friedrich Von Hayek, e composta por um pequeno número de intelectuais, como por exemplo, os economistas Ludwig Von Mises, Milton Friedman e o filósofo Karl Popper, possuindo como objetivo principal a difusão dos valores liberais, tais quais: a virtuosidade do livre mercado, a retirada do controle da política sobre a economia, a privatização das funções do Estado e a consecutiva redução do papel estatal na economia e na sociedade e a avaliação dos sistemas públicos como improdutivos, corruptos e ineficientes (GALLINO, 2015).

Destacamos, também, o movimento pós-moderno e o revisionismo histórico, duas correntes de pensamento, dos anos sessenta e setenta, que enfatizavam a necessidade dos indivíduos serem os únicos a organizarem suas próprias biografias e identificavam o Estado Nação e a política como símbolos de corrupção e dispendiosidade, acusando toda força universal de ser uma fonte de aniquilação do eu, por impor-lhe sempre sacrifícios e renúncias, rompendo com a ideia de Razão, Política e, inclusive, História teleológica e apoiando o particularismo existente em cada ser humano. Além disso, nos anos oitenta, figuras políticas como Margaret Thatcher e Ronald Reagan afirmaram, em sucessivas entrevistas, a inexistência da sociedade e o primado do indivíduo, ilustrando que “o governo não é a solução para o nosso problema. O governo é o problema.” (REAGAN, Inaugural Address, 20/01/1981).

Nesta mesma década a então primeira ministra britânica formulou o acrônimo TINA (There Is No Alternative), referindo-se à superioridade e hegemonia da economia de mercado, da democracia representativa, da globalização econômica e política e do neoliberalismo,

opondo-se, então, a planificação da economia, pelo sistema keynesiano, ou, até mesmo, a concepção de justiça social, redistribuição de renda, recursos e oportunidades e a liberdade social enquanto valores políticos do Estado Social, e introduzindo a concepção da justiça de mercado e de liberdade puramente individual.

Dada a efetiva consolidação de tal contexto, a cientista política estadunidense Wendy Brown, ao formular suas considerações teóricas acerca do neoliberalismo, o definiu enquanto uma racionalidade governamental muito específica, que dissemina o modelo de mercado para todos os domínios e atividades da vida humana, através de um conjunto de políticas econômicas que seguem os princípios do livre mercado, incluindo a desregulamentação das indústrias e capital, intensa privatização dos serviços públicos e a conversão de cada necessidade humana em uma mercadoria, qualificando os indivíduos exaustivamente como atores de mercado (BROWN, 2015) em todas as esferas da vida: na sociedade, na família, na política, na religião e na ética.

Brown aponta, ainda, para o fato de que os indivíduos passam a ser construídos no modelo da “empresa contemporânea” (BROWN, 2015) necessitando comportarem-se de modo a maximizar seu capital humano e seu valor, sujeitando-se ao empreendedorismo e a constantes investimentos em si próprios. O que permitiu aos seres humanos experimentarem uma vida sem vínculos, regras ou condicionamentos objetivos, agindo de acordo tão somente com suas próprias vontades, sendo permanentemente estimulados ao prazer imediato e ao consumo ilimitado de mercadorias, o que gerou, como consequência, a naturalização do egoísmo, do narcisismo e do hiperedonismo. Nesse sentido o sociólogo alemão Ulrich Beck estabelece que:

A vida própria é projetada como uma empresa, e, diante dela, é preciso se comportar como capitalista e organizar todos os aspectos da existência em conformidade obediente, autônoma e antecipada com as condições do mercado. Enfim, as pessoas se tornam patroas de si mesmas. (BECK, U. 2003, p. 72)

Podemos entender que, enquanto uma racionalidade, o neoliberalismo também produz formas, conteúdos e esquemas de avaliação de mundo (BROWN, 2015), de modo que o projeto ideológico neoliberal tenha concebido como valor máximo de seu discurso a figura do indivíduo, declinando a ideia de sociedade, e produzindo uma nova gramática moral baseada na ênfase atribuída à liberdade negativa (particular e privada) que, ao suprimir a liberdade social, regulada pelas geometrias políticas modernas, promoveu a afirmação de que todo

indivíduo, por ser livre, é responsável por si mesmo, isentando-se de responsabilidades com o coletivo. Nesse contexto, a incapacidade de desenvolver a si próprio passa a ser um problema imputado ao indivíduo, mais especificamente a sua incompetência e improdutividade, servindo, inclusive, para legitimar sua exclusão dos direitos sociais, econômicos e políticos.

O sociólogo francês Alain Ehrenberg (2012) evidencia que se, até a década de 1960, a autonomia aparecia como uma forte aspiração que emergira em um cenário que opunha a ordem ao progresso, aparecendo no partido do progresso, e significando a necessidade da independência e reconhecimento da individualidade, sendo que:

O senso de valor pessoal não era mais apenas um problema de felicidade ou infelicidade privada, mas um problema público de justiça resumido pelo slogan "o pessoal é político". Os movimentos sociais da década de 1960 (movimentos pelos direitos civis, Panteras Negras, doravante movimentos feministas) entrelaçam a demanda por justiça e igualdade de direitos com a de reconhecer o valor pessoal do indivíduo. Pessoal, reconhecimento, experiência: já não são apenas direitos a reconhecer, mas também estilos de vida que visam explorar e desenvolver a personalidade específica de cada indivíduo. (EHRENBERG, 2012 p.97, tradução nossa)<sup>1</sup>

É precisamente nos anos noventa, através de uma operação ideológica e política que, ao se sedimentar como nova força hegemônica, afirmara que todos os seres humanos devem se encontrar isentos de predeterminações, que se consolidou a época histórica da subjetividade livre, soberana e absoluta, que colocou fim à luta por autonomia, ao iniciar um tempo histórico que fez da autonomia individual uma condição, um princípio normativo que estabelece que o “eu” aja, pense, sinta e julgue por si e para si mesmo. Revela-se, portanto, uma significativa mudança na condição humana, que sofre um intenso processo de individualização, entendido enquanto a “emancipação do indivíduo de toda determinação atribuída, herdada ou inata de caráter social externamente imposto a ele” (BAUMAN, 2008, p. 183).

Por subjetividade livre entendemos, portanto, que são os próprios indivíduos que se convertem na unidade básica da reprodução social, colocando-se, tanto dentro como fora da família, enquanto agentes garantidores de uma existência mediada pelo mercado e pelo

---

<sup>1</sup> *Il senso del valore personale non è più solamente un problema di felicità o di infelicità privata, ma un problema pubblico di giustizia riassunto dallo slogan <<Il personale è politico>>. I movimenti sociali degli anni Sessanta (movimenti per i diritti civili, Black Panthers, di seguito movimenti femministi) intrecciano la rivendicazione della giustizia e dell'uguaglianza dei diritti con quella di un riconoscimento del valore personale dell'individuo. Personale, riconoscimento, esperienza: non sono più solamente diritti che si tratta di riconoscere, ma anche stili di vita che mirano sia a esplorare sia a sviluppare la personalità specifica di ciascun individuo (EHRENBERG, 2012 p.97).*

planejamento e organização da suas próprias biografias particulares (BECK, 2013, p. 193). Isentos dos papéis sociais advindos das identidades coletivas, ou seja, dos condicionamentos, juízos de valor e determinações da família, dos partidos políticos, sindicatos e do Estado Nacional, os indivíduos se configuram como os únicos produtores de suas identidades pessoais, onde transformar-se no que verdadeiramente são qualifica uma característica da vida contemporânea que deve ser constantemente elaborada e reinventada. Podemos dizer que:

Para protegerem sua nova e embriagante liberdade, atenuam os limites entre si próprios e o mundo, indo do tradicional ao diferente da satisfação, da retenção à obtenção, à busca de prazeres imediatos. Considerando a realidade como espelho dos próprios desejos, cultivam um “eu mínimo”, preocupados com a própria sobrevivência, vivem o cotidiano como terreno de caça e, ao mesmo tempo, como acumulação de “pequenas emergências”, buscando apoio na posse de coisas, a única coisa capaz de estabilizar suas identidades. (BODEI, 2006, p.459, tradução nossa)<sup>2</sup>

Investigando as modificações das identidades pessoais e coletivas, durante o século XX e início do século XXI, o professor de história da filosofia da Universidade de Pisa e, também filósofo, Remo Bodei (2006) destaca que o indivíduo contemporâneo considera agradável viver como um “eu” múltiplo e maleável, que constantemente alterna versões de si mesmo, experimentando um catálogo de vidas paralelas. Entretanto, diferente do que se pode pensar, a conquista da identidade pessoal como constructo individual fortemente atrelado à aquisição de mercadorias, que servem para auxiliar na criação de marcas pessoais, não é uma situação constante no processo civilizatório humano, sendo uma condição historicamente transitória que se cristaliza em uma fase e forma específica da modernidade.

Ressaltamos que, nos últimos decênios, as experiências pessoais e emotivas deixam de ser ordenadas politicamente através das relações entre os diversos grupos sociais, e até mesmo o fluxo das emoções e sentimentos passa a ser determinado pela potência das forças econômicas, pela expansão do mercado que, desregulamentado politicamente, consegue expandir seu raio de alcance para todas as esferas sociais, gerando a mercantilização da vida

---

<sup>2</sup> *Para proteger su nueva y embriagante libertad, atenúan a si los confines entre ellos mismos y el mundo, pasan del tradicional diferir las satisfacciones, del retener para obtener, a la persecución de goces inmediatos. Considerando la realidad como espejo de los propios deseos, cultivan un “yo mínimo”, preocupado en la propia supervivencia; viven la cotidianeidad como terreno de caza y, a la vez, como acumulación de “pequeñas emergencias”; buscan apoyo en la posesión de las cosas, lo único capaz de estabilizar su identidad, dado que son inertes y manipulables ocasiones de cuidar del mundo sin comprometer se en relaciones personales de reciprocidad.* (BODEI, 2006, p. 459).

íntima, das relações sociais e das próprias identidades. No período histórico da globalização econômica e política apenas a ação do indivíduo, que não dependa de ninguém, ao não ser do próprio indivíduo comum, é o que pode lhe atribuir fama, prestígio ou distinção (EHRENBERG, 2010, p.11), de tal forma que o “eu” aparece como socialmente avaliado enquanto um capital em permanente processo de crescimento, quanto maior sua grandeza - seu capital estético, erótico, emotivo-, mais se atribuí valor a pessoa, que cresce acumulando e concentrando capacidades, conquistas, bens, recursos e oportunidades de maneira ilimitada.

Ao passo em que a identidade pessoal adquire o rótulo de personagem principal do nosso tempo e os indivíduos sentem uma necessidade compulsória por se autoconstruir, a grande ênfase atribuída à autonomia individual, e o fato dos seres humanos encontrarem-se atomizados e desenraizados de qualquer tradição ou costumes coletivos, esvaziou de sentido e significado todas as orientações comuns e compartilhadas que eles possuíam, promovendo, por conseguinte, a negação das heranças sociais vinculativas (SARACENO, 2013) entre os seres. Consolida-se o rompimento dos vínculos de determinação oriundos do passado, gerando a sucessiva fragmentação da vida social em uma pluralidade de indivíduos que, doravante, seguem um percurso que é, muitas vezes, solitário e isolado.

O psicanalista argentino Miguel Benasayag, em sua obra intitulada *Paixões Tristes* (2011), compartilha com seus leitores algumas de suas experiências clínicas e ressalta o fato de que, em muitos casos, a autoridade dos pais, avós e professores é compreendida, pelos jovens, como autoritarismo. O autor enfatiza que nos encontramos em meio a uma crise das autoridades, destacando que a *simetria* que caracteriza as relações hodiernas entre pais e filhos e alunos e professores, por exemplo, faz da relação social algo puramente formal, como um contrato, no qual é necessário desvendar as demandas e necessidades de cada uma das partes, o que se transforma em uma ação extremamente angustiante e desconhecida.

As autoridades, durante todas as etapas do processo civilizatório, se constituíram mediante a existência de um bem comum e compartilhado, de um objetivo geral e coerente para todos, de forma tal que obedecer a um ancião era, também, compreender que, em um futuro próximo, o jovem se tornaria alguém detentor da mesma autoridade. Entretanto, ressaltamos que a configuração societária atual, ao promover o rompimento dos fios coletivos que uniam as pessoas a interesses, objetivos e aspirações comuns, debilita os mecanismos de autoridade o que gera, por consequência, um contexto de arbitrariedade e difícil orientação. (BENASAYAG, 2011).

A partir disso nos é possível elucidar a existência de um paradoxo contido no interior da sociedade hodierna que se refere ao fato de que a autonomia, quando passa a se constituir como uma condição social efetiva, provoca uma proliferação de mal estar psíquico, crises de ansiedade, insônia e depressão, ao invés de facilitar a compreensão e constituição total dos indivíduos. Tal situação estaria atrelada a passagem da sociedade disciplinar (sociedade nacional e industrial) à sociedade de rendimento (HAN, 2012) que, através do estímulo atribuído a valores como a iniciativa individual, a capacidade de cultivo de si mesmo, autocontrole, autorrealização, automotivação, autogerenciamento das emoções e autodisciplina, acaba por exigir do indivíduo uma sempre maior e mais custosa adaptação e performance. O sujeito de rendimento, ao se encontrar livre de explorações e dominações externas, é abandonado a uma liberdade forçada, que faz com que o imperativo do desempenho e maximização do eu transforme a liberdade em autocoação.

Destacamos que neste cenário inaudito o impacto de uma existência não linear faz com que as novas formas de subjetividade se encontrem em um espaço vazio de sentido, vivenciando uma permanente sensação de incerteza e desorientação, provocadas por uma formação histórica que deflagra o declínio dos mecanismos sociais e políticos de proteção, segurança e, portanto, de certezas coletivas, segundo o sociólogo francês Ehrenberg:

Quando a salvação coletiva, que é a transformação política da sociedade, está em crise, a verborrêia de challenges, desafios, performances, de dinamismo e outras atitudes conquistadoras, constitui um conjunto de disciplinas de salvação pessoal. Quando não temos mais nada senão a nós mesmos para nos servir de referência, quando somos a questão e a resposta, o mito prometeico do homem sozinho no barco de seu destino e confrontado com a tarefa de ter de se construir, encontrar para si próprio e por si mesmo, um lugar e uma identidade sociais torna-se um lugar comum (EHRENBERG, 2010, p. 13)

A complexa questão acerca de como orientar-se atualmente provém da impossibilidade, para os filhos da liberdade, de colher e traduzir o senso do mundo empírico e da realidade social, o que ocorre devido à desregulamentação dos códigos emotivos e da ausência de pontos de referência comuns e seguros, atrelados a uma acentuada queda do nível de vida – resultante dos processos de desregulamentação econômica e política e das novas tecnologias que acentuaram o trabalho precário, o desemprego estrutural e a financeirização da vida –, que provocam uma profunda insegurança com relação ao fluxo do presente imediato. Adiciona-se a esse conjunto de fatores as constantes transformações nos modos de vida, resultantes do capitalismo globalizado e das permanentes acelerações sociais. Os indivíduos sentem-se desorientados, portanto, porque habitam um mundo que se tornou instável, que constantemente se desfaz ao

apresentar novidades cotidianas, dentro do qual estabelecer uma diferenciação entre o belo e feio, o bom e o mal e o certo e errado só é possível mediante um exercício cognitivo e emotivo sempre mais difícil (KIRSCHER, 1991).

A busca por orientação esteve fortemente atrelada, em todas as formações sociais, ao papel educativo da religião, da família ou, no limite, dos grupos secundários, como partidos políticos e sindicatos, no terceiro milênio, todavia, são as forças mercadológicas que constituem uma verdadeira panacéia para todos os males que aparecem, agora, como problemas extremamente particulares e individuais. O mercado, desregulamentado politicamente, viabiliza a produção, em larga escala, de uma série fascinante de mercadorias inauditas, que não são apenas materiais e sólidas, mas, também, experienciais, afetivas e emocionais, compreendidas pela socióloga franco-marroquina Eva Illouz (2018) como a fusão entre emoções e objetos de consumo, onde as emoções convertem-se em uma vasta rede de organizações, objetos e imagens que prometem uma rápida resolução dos problemas que afligem aos indivíduos, potencializando, por exemplo, seu capital estético, erótico ou emocional, dessa forma as mercadorias passam a reter significados simbólicos, levando o ato de consumir a ser interpretado como carregado de emotividade.

Finalizamos a exposição histórica dos processos e dinâmicas políticas, econômicas e culturais que viabilizaram, na segunda metade do século XX, uma passagem de época no modo de produção capitalista e na condição humana apontando para o nexos causal presente entre o capitalismo globalizado e as novas formas de identidades e de situar-se no mundo, destacando a força do mercado desregulamentado politicamente em condicionar todas as esferas da vida do sujeito contemporâneo. Seguiremos, agora, para uma explanação acerca da importância da análise das emoções e sentimentos nas ciências sociais, evidenciando como elas podem auxiliar em uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos sociais específicos do século XXI, como por exemplo, o trabalho emotivo, a padronização de estilos emocionais em grandes empresas e a ascensão do populismo contemporâneo.

### **3 A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES E SENTIMENTOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

A investigação acerca do papel social desempenhado pelas emoções e sentimentos no interior do processo civilizatório humano aparece enquanto uma temática crescente no âmbito das ciências sociais e aponta para a caracterização das emoções enquanto novas chaves

políticas, econômicas e culturais. Se, por um lado, observamos o triunfo de uma mentalidade fortemente embasada em uma racionalidade técnica e instrumental, que equaciona permanentemente meios e fins, custos e benefícios, e é essencialmente lógica e formal, por outro lado, não devemos ignorar a profunda dimensão emotiva presente nos seres humanos e a maneira pela qual ela pode ser constantemente acionada por atores sociais como, por exemplo, os Estados Nacionais e o mercado desregulamentado politicamente.

### 3.1 OS ESTADOS NACIONAIS E A NACIONALIZAÇÃO DAS MASSAS: A MANIPULAÇÃO DAS EMOÇÕES

Uma breve digressão histórica ao início da era moderna, conjuntamente aos processos de modernização, nos permite descrever um tempo histórico e um espaço social marcados pela consolidação da industrialização e da urbanização, que promoveram novas geometrias espaciais e modificaram as arquiteturas das cidades através da criação de grandes edifícios e construções feitas de aço e vidro, bem como pelo desenvolvimento de tecnologias de transporte e comunicação e a formação de um mercado mundial, a partir da grande expansão da produção de bens e mercadorias e do próprio consumo, além do crescimento dos aparelhos burocrático-administrativos e a consequente formação dos Estados Nacionais (BURGIO, 2010) que estabeleceram a política como o elemento dessacralizado capaz de ordenar e preencher o vazio, na vida dos indivíduos, ocasionado pelo declínio dos modos de vida tradicionais<sup>3</sup>.

Durante o período das revoluções burguesas (revolução francesa, gloriosa e industrial) até meados dos anos de 1870, observamos um momento histórico repleto de processos e dinâmicas sociais emancipatórias, igualitárias e libertadoras, que geraram a criação de novos valores, como por exemplo, os de igualdade, liberdade e fraternidade, atribuindo um acento extremamente positivo à modernização e ao progresso das novas forças econômicas e produtivas, fomentando a esperança, na população, de que os novos tempos seriam tempos de fartura e fortuna. O Estado Nação e a fábrica nacional designam os dois principais atores da

---

<sup>3</sup>A revolução copernicana, o humanismo e o renascimento (XV-XVI) iniciaram um processo de reação e negação da antiga ideia de cosmos, afirmando uma nova linguagem, essencialmente matemática e científica, preocupada em compreender quais são as forças imanentes contidas no interior da natureza externa, da natureza interna e da cultura, configurando uma passagem de época da chamada “comunidade” para a “sociedade”, qualificada na sociologia de Ferdinand Tönnies (1947) como a passagem de uma vontade substancial para uma vontade eletiva, da unicidade de valor para a pluralidade de valores, dos rígidos esquemas sociais baseados na força da fé e da tradição religiosa- metafísica, que ordenava o mundo através da teologia e explicava os fenômenos sociais de modo casual, para uma sociedade explicada teleológica e causalmente pela ciência e a técnica.

modernidade sólida<sup>4</sup>, sendo que o primeiro, em seus espaços fechados, com fronteiras firmes e intransponíveis, fora capaz de efetuar a nacionalização das massas, baseando-se em sentimentos comuns de pertença sedimentados ao longo do tempo e compartilhados pela massa da população, possuindo por valores fundamentais a autonomia, a unidade e o estabelecimento de uma identidade comum e coletiva entre os indivíduos, de modo que:

Por um lado, as mitologias nacionais permitem a transposição dos sistemas de autorreconhecimento coletivo e comunitário sobre escala macropolítica correspondente ao Estado moderno (...). Por outro – fixado de modo definitivo o binômio povo-nação como fundamento de uma concepção de soberania desvinculada da lógica dinástica – a nação é representada, neste primeiro período, como povo soberano, um conjunto de cidadãos livres e iguais perante a lei. Ele é o detentor da *vontade geral*, o titular de uma nova forma de soberania que hoje chamaríamos de democrática (BURGIO, 2010, p.154, tradução nossa)<sup>5</sup>

Entretanto, como a história é marcada por tensões e conflitos, ambivalências e contradições, movimentos e transformações, os acontecimentos inauditos que ocorreram após 1870, como por exemplo, a guerra entre a França e a Prússia e a segunda comuna de Paris, em 1871, que representou uma verdadeira inversão do senso da ordem e da história por se tratar da primeira vez em que o povo adquire real soberania e poder, ocasionam uma cesura no interior do nacionalismo fazendo com que, no final do século XIX e início do século XX e, fundamentalmente, após a primeira guerra mundial, ele se transformasse em um “veículo de esquemas ideológicos impostos e um instrumento de legitimação das decisões autoritárias e práticas agressivas” (BURGIO, 2010), constituindo-se através de uma dinâmica regressiva e não mais emancipatória. Neste ponto, é importante destacarmos que, desde o fim da primeira guerra mundial, a alta racionalidade e racionalização desse período histórico, atrelada às forças técnicas e epistêmicas como, por exemplo, a psicologia experimental e clínica, possibilitaram a conquista do campo da subjetividade dos indivíduos e, especialmente, aquele que diz sobre as emoções (ILLOUZ, 2014).

---

<sup>4</sup> Expressão cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) para diferenciar as fases e formas da modernidade, sendo a modernidade sólida o período que durou do século XVIII até os anos oitenta, do século XX.

<sup>5</sup>*Per un verso, le mitologie nazionali permettono la trasposizione dei sistemi di autoriconoscimento collettivo e comunitario sulla scala macropolitica corrispondente alla statualità moderna. E con cio contribuiscono a governar el'esperienza del disorientamento e a colmare il vuoto emotivo creato dall'effettivo disgregarsi dei tradizionali sistemi di relazione. Per l'altro – fissato in via definitiva il binômio popolo/nazione a fondamento di una concezione della sovranità svincolata da logiche di nastiche – le nazione si rappresenta, in questo primo periodo, come popolo sovrano, in sieme di cittadini liberi ed eguali di fronte alla legge. Essa è il detentore della volontà générale, il titolare di una nuova forma della sovranità che oggi chiameremmo democratica.* (BURGIO, 2010, p.154).

É a partir deste contexto de constantes inovações tecnológicas e da consolidação de uma ação cada vez mais racional e voltada para um fim, que o “eu” sofre uma dessacralização, ou seja, despotencializa-se a ideia da existência interior de uma alma, no conceito adotado pelo cristianismo, e estabelece-se a concepção de psique, vista como um conjunto de forças químicas e materiais possíveis de serem compreensíveis, controladas e reguladas, através de prescrições e receituário médicos. Assim, as emoções, que tradicionalmente apareceram enquanto entidades fugazes e impossíveis de serem controladas por quaisquer meios externos, passam a ser acionadas, pelas instituições modernas, mediante as técnicas da psicologia clínica e experimental que:

Conseguiram mergulhar nos recessos de nossa subjetividade e padronizar o eu emocional privado e individual. Para padronizar as emoções, primeiro precisa objetivá-las, convertê-las em objetos que se podem olhar e etiquetar. Também é necessário um mecanismo que obrigue a gente a alinhar-se ao redor de experiências e estilos emocionais similares. São necessárias técnicas para esse alinhamento de experiências (ILLOUZ, 2014, pg. 38, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Portanto, na modernidade, o Estado efetuou a manipulação das emoções apropriando-se de um conjunto de técnicas lingüísticas e científicas, festas e feriados comemorativos, cerimônias e desfiles públicos, utilizando-os para consolidar um estilo emocional para os cidadãos. Por estilo emocional designamos a combinação das maneiras pelas quais uma cultura se torna “preocupada” com certas emoções e estabelece uma imaginação cultural que caracteriza as maneiras de se pensarem as relações do “eu” com os outros, imaginando suas potencialidades e implantando-as na prática (ILLOUZ, 2008). Estabelece-se, portanto, uma ordem social extremamente disciplinadora, embasada em fundamentos culturais e sociais ideológicos que produziram uma rígida e sólida coesão social, a partir da construção de valores comuns, ritos e símbolos coletivos, sistema de segurança e proteção social, que estruturaram uma “religião laica”, capaz de religar os cidadãos às classes e grupos sociais pela ideologia do culto à Nação e a Pátria. Nessa nova fase e forma da nacionalização das massas, “a nação é concebida como comunidade originária, fundada sobre (pretensas) tradições tão antigas que desaparecem no intemporal, portanto, em uma essência comum (inerente) aos seus membros e a sua exclusiva prerrogativa” (BURGIO, 2010, p.156).

---

<sup>6</sup>...profundizar em los recovecos de nuestra subjetividad y han estandarizado el yo emocional privado e individual. Para estandarizar las emociones, primero hay que objetivar las, convertir las em objetos a los que mirar y etiquetar. También es necesario un mecanismo que obligue a la gente a alinearse AL rededor de experiencias y estilos emocionales similares. Se necesitan técnicas para esa alineación de experiencias. (ILLOUZ, 2014, p. 38).

Destacamos, ainda, a maneira pela qual os Estados e elites diligentes geraram, no campo das propagandas ideológicas e na legislação, subjetividades capazes de serem acionadas tanto na guerra quanto na paz, bem como a imagem do povo e da Nação como projeções particulares e, no limite, exclusivas, definindo-os como detentores de caracteres imutáveis ao longo da história e que não poderiam ser degenerados ou corrompidos por fatores externos. Podemos destacar que esse modelo societário fora compreendido, por Byung Chul Han (2012), como uma “sociedade da disciplina” ou, em outras palavras, uma sociedade de negatividades, que se pode definir através da negatividade da proibição, sendo a caracterizada pelo verbo modal negativo “não poder”, em que até mesmo o “dever” aparece em sua forma negativa: a obrigação – com a comunidade e os iguais – e o compromisso com o líder e a cidade, o estado e a Nação, deflagrando a época do nacionalismo bélico e agressivo.

Observamos, também, que no curso da primeira guerra mundial, a ideologia estatal precisava alcançar o maior número de pessoas, o que viabilizou a alta difusão de cartazes e slogans de guerra com fortes apelos emotivos, como o que segue abaixo:

**Fotografia 1: The Navy needs you! / James Montgomery Flagg; The H.C. Miner Litho. Co. N.Y.**



Fonte: <https://www.loc.gov/resource/cph.3g10238/>.

No cartaz americano datado de 1917 um estudante é convocado, por um oficial da marinha, a *fazer* a história americana, ao invés de apenas a *ler* nos jornais. Sendo possível observamos, ainda, a representação da Pátria, ao fundo do cartaz e em um plano superior na imagem, simbolizada por uma divindade vestida com as cores da bandeira dos Estados Unidos da América e usando um capacete de guerra, segurando, em uma mão, uma espada (aludindo à guerra) e, na outra mão, uma bandeira norte-americana, o que nos remete ao forte apelo dado, nesse tempo histórico, a conformação jurídica e política do cidadão em um soldado, que deve proteger a pátria dos inimigos internos e externos, salvando a comunidade nacional e protegendo os valores sacros da nação, ainda que, para isso, um grande sacrifício pessoal seja necessário. Assim, evidencia-se um forte apelo emotivo presente no cartaz, como se a pátria, enquanto um espírito elevado, chamasse aos estudantes para contribuírem na construção da história do país, no momento em que ele necessitava desses jovens.

Após essa digressão a primeira fase e forma da modernidade, a fim de verificarmos como os Estados Nacionais, enquanto fortes atores sociais, econômicos e políticos, foram capazes de acionar as emoções, sentimentos e paixões dos indivíduos instrumentalizando-as para os interesses próprios de partidos políticos e ideologias, mobilizando as massas e levando os indivíduos a participarem da vida pública ao sentirem-se parte exaltante de uma comunidade nacional de destino (BODEI, 2016), passaremos, agora, para uma exposição da relevância que alguns filósofos e sociólogos atribuíram às emoções em seus trabalhos e pesquisas acadêmicas, que abrangem o arco temporal da segunda metade do século XX e do século XXI.

### 3.2 A MANIPULAÇÃO DAS EMOÇÕES NOS ÚLTIMOS DECÊNIOS

A socióloga norte-americana Arlie Russell Hochschild (2003) aponta para o fato de que, na busca por constituir-se como uma ciência dotada de aspectos objetivos e possíveis de serem calculáveis, a sociologia, fortemente embasada na concepção de August Comte e sua “física social”, negligenciou o estudo das emoções e sentimentos, desenvolvendo abordagens teóricas que apreendem apenas duas dimensões do “eu”, a primeira configura o que a autora denominou por “eu cognitivo”, figura histórica produzida pela revolução burguesa, reforma protestante e iluminismo, trata-se da expressão de um “eu” baseado na força da razão, que tem consciência daquilo que quer e, racionalmente calcula os meios que deverá utilizar para a obtenção do que deseja, o segundo “eu” é retratado como psíquico e representa as ações que os indivíduos tomam motivados pelo inconsciente, fortemente reconhecido a partir dos estudos freudianos.

Entretanto, o salto analítico distintivo de Hochschild consiste em teorizar uma terceira representação do “eu”, como “eu emotivo”, definido como sendo “mais do que uma calculadora sem sangue ou um expoente cego de sentimentos descontrolados, o eu emotivo está consciente do sentimento, bem como dos diversos marcos culturais que o moldam” (HOCHSCHILD, 2003, p.77, tradução nossa)<sup>7</sup>. De acordo com o filósofo político Remo Bodei (1995) “emoção” e “razão” não constituem dois pares antitéticos, mas são construções culturais pertencentes a contextos históricos específicos e que se encontram extremamente fundidos. Semelhante é a concepção de Eva Illouz (2007) que entende as emoções como significados culturais e relações sociais que se interpenetram, de modo que o “eu” apareça enquanto uma forma extremamente institucionalizada ou, no limite, uma performance pública, para ela:

Tradicionalmente, os sociólogos entenderam a modernidade em termos do advento do capitalismo, do surgimento de instituições políticas democráticas ou da força moral da idéia de individualismo, mas prestaram pouca atenção ao fato de que, juntamente com os conceitos familiares de mais-valor, exploração, racionalização, desencantamento ou divisão do trabalho, a maioria dos grandes relatos sociológicos da modernidade continha outra história colateral em uma chave menor, a saber, as descrições ou relatos do advento da modernidade em termos de emoções. (ILLOUZ, 2007, p.11, tradução nossa)<sup>8</sup>

Illouz (2007) demonstra, ainda, a presença tangencial das emoções e sentimentos em alguns importantes conceitos teorizados por autores clássicos da sociologia, como por exemplo, na intensificação da vida nervosa, conceituada por Georg Simmel, como a consequência da vida nas grandes metrópoles e que possibilitou o surgimento do comportamento blasé, descrito pelo sociólogo alemão como uma mescla de frieza, indiferença e reserva individual. Acerca da presença das emoções no pensamento sociológico clássico, o sociólogo alemão Gregor Fitzi (2011) apresenta uma nova interpretação da teoria da ação social weberiana, estabelecendo nexos entre a dimensão afetiva e a ação social, que poderiam ser exemplificados na obra *Economia e Sociedade*<sup>9</sup> através da maneira pela qual Max Weber expõe como a motivação emocional, da ação social, se configura, por um lado, como um forte impulso para a construção

<sup>7</sup>*More than a blood less calculator or blind expresser of uncontrolled emotions, the sentient self is aware of feeling as well as of the many cultural guideposts that shape it.* (HOCHSCHILD, 2003, p.77).

<sup>8</sup>*Tradicionalmente, los sociólogos entendieron la modernidad en términos del advenimiento del capitalismo, de la aparición de instituciones políticas democráticas o de la fuerza moral de la idea de individualismo, pero prestaron escasa atención al hecho de que, junto com los conceptos familiares de plusvalía, explotación, racionalización, desencantamiento o división del trabajo, la mayor parte de los grandes relatos sociológicos de la modernidad contenían otra historia colateral en clave menor, a saber, las descripciones o los relatos del advenimiento de la modernidad en términos de emociones* (ILLOUZ, 2007, p.11).

<sup>9</sup>WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004.

horizontal da estrutura social das comunidades e, por outro lado, para as estruturas verticais do poder carismático.

Nesse sentido é interessante destacarmos, tal qual compreendeu o filósofo italiano Domenico Losurdo (2014), em uma atualização do pensamento de Karl Marx<sup>10</sup>, que a classe social dominante dos modos de produção, além de dominar a produção social das palavras e ideias, domina, também, a produção social das emoções, o que conflui com a abordagem sociológica de Eva Illouz (2007) quando a autora enfatiza que um dos aspectos que validam o estudo das emoções e sentimentos no âmbito da sociologia refere-se à forma como a construção do capitalismo, enquanto modo de produção hegemônico, utilizou da construção de uma profunda cultura emocional especializada, que surgiu a partir de uma transformação da própria subjetividade dos indivíduos, quando foram fortemente estimulados a concentrarem-se em suas vidas íntimas e privadas, tanto no âmbito pessoal e familiar, quanto no laborativo. O sociólogo francês Alain Ehrenberg (2012, p.IX) aponta para o fato de que subjetividades, afetos e emoções, bem como a vida psíquica, são assuntos que permeiam toda a sociedade hodierna, ocupando o primeiro plano nos debates acadêmicos e científicos.

### 3.3 AS EMOÇÕES E AS NOVAS FORMAS DE TRABALHOS

Apreendemos, portanto, que a teoria sociológica - para ser capaz de investigar uma realidade social que se apresenta de maneira sempre mais complexa, fundamentalmente a partir da segunda metade do século vinte, com a intensificação e radicalização da modernidade<sup>11</sup>, - deve não apenas efetuar permanentes atualizações em suas categorias e conceitos, mas, também, aproximar-se do estudo das emoções e sentimentos, reconhecendo sua importância teórica e conceitual. A fim de enfatizar o valor sociológico das emoções na compreensão da realidade empírica Hochschild, a partir da concepção de “experiências emotivas”, demonstra a existência de uma profunda correlação entre as estruturas sociais e as emoções:

---

<sup>10</sup>“As ideias da classe dominante são, em cada época histórica, as ideias dominantes, isto é, a classe que possui os meios de produção material possui, ao mesmo tempo, os meios de produção intelectual” (MARX; ENGELS apud LOSURDO, 2014, p. 71)

<sup>11</sup>A fim de dotar de sentido e significado o novo processo civilizatório e modo de produção capitalista, inaugurado na segunda metade do século XX, diversos autores cunharam diferentes expressões: “sociedade de risco” (BECK, 2002); “sociedade em redes” (CASTELLS, 1999), “sociedade pós-industrial” (BELL, 1974).

Por que a experiência emotiva dos adultos normais na vida cotidiana é tão ordenada quanto é? Por que, em geral, as pessoas se sentem alegres em festas, tristes em funerais, felizes em casamentos? Essa questão nos leva a examinar não as convenções da aparência ou do comportamento externo, mas as convenções do sentimento. Convenções de sentimento só se tornam surpreendentes quando imaginamos, ao contrário, o que é uma vida emotiva totalmente imprevisível (HOCHSCHILD, 2003, p.87, tradução nossa)<sup>12</sup>

Evidencia-se, nesse sentido, que as experiências emotivas perpassam a vida dos indivíduos, desde seus comportamentos na família, na escola, no trabalho ou até mesmo na política, e produzem, simultaneamente a essas experiências, “regras de sentimento” (HOCHSCHILD, 2003) que podem ser definidas como normas de conduta padrão que devem ser seguidas em diferentes contextos sociais – como, por exemplo, estar alegre em festas, triste em funerais e feliz em casamentos - atribuindo um caráter externo às emoções e não essencialmente interno e isolado dentro das pessoas.

Enquanto um grande nome que contribuiu para a consolidação da sociologia das emoções, Hochschild, que iniciou seus trabalhos neste campo no ano de 1983 com a publicação do livro *The managed heart: commercialization of human feelings*, cunhou a expressão “trabalho emotivo” a fim de designar os processos nos quais os indivíduos adotam como referência emocional um padrão de sentimento ideal construído através da interação social e procuram administrar suas emoções profundas na tentativa de adequá-las a essas expectativas standardizadas (BONELLI, 2004). Hochschild investiga, nesta nova etapa do processo civilizatório humano, que a conseqüente desregulamentação política da economia, possibilitou ao capitalismo, enquanto força hegemônica, encontrar e explorar diferentes formas de manifestação de valor contidas no interior dos seres humanos, como, por exemplo, as emoções e seu controle durante o processo produtivo.

Diversos são os autores contemporâneos (HOCHSCHILD, 2012; ILLOUZ 2008, 2014, 2018; EHRENBERG 2010; BENASAYAG, 2016) que estudaram (e estudam) a maneira pela qual as grandes corporações capitalistas estabelecem uma intrínseca correlação entre as características da personalidade de um indivíduo, ou seja, seu perfil emocional, e seu rendimento no trabalho, convertendo a capacidade emotiva dos trabalhadores em um critério formal de avaliação e quantificação de suas competências e habilidades. É a partir disso que

---

<sup>12</sup> *Why is the emotive experience of normal adults in daily life as orderly as it is? Why, generally speaking, do people feel gay at parties, sad at funerals, happy at weddings? This question leads us to examine not conventions of appearance or outward comportment, but conventions of feeling. Conventions of feeling become surprising only when we imagine, by contrast, what totally unpatterned, unpredictable emotive life... (HOCHSCHILD, 2003, p.87).*

Hochschild explora as diferenças entre o trabalho realizado nas grandes fábricas industriais no início do século XIX, que utilizavam, principalmente, a força física do trabalhador, e o trabalho das comissárias de bordo, no século XXI, que além de demandar um esforço físico, para empurrar pesados carrinhos de refeição, também possui uma carga de trabalho mental, exigida durante a organização dos pousos e evacuações de emergência e, finalmente, um trabalho emotivo, que estipula a necessidade da indução ou supressão das emoções e sentimentos das trabalhadoras, Hochschild estabelece, assim, o uso do termo “trabalho emocional”:

(...) para designar a gestão do sentimento para criar uma exibição facial e corporal publicamente observável; o trabalho emocional é vendido por um salário e, portanto, tem valor de troca. Eu uso os termos sinônimos de trabalho emocional ou gerenciamento de emoções para me referir a esses mesmos atos realizados em um contexto privado, onde eles têm valor de uso. (HOCHSCHILD, 2012, p. 7, tradução nossa)<sup>13</sup>

No caso das comissárias de bordo, o sorriso - e consequentemente passar a sensação de felicidade aos passageiros de determinada empresa aérea - é apresentado como “patrimônio da atendente” e sua necessidade é enfatizada a todas as novas trabalhadoras, de forma tal que “o valor de um sorriso pessoal é preparado para refletir a disposição da empresa, sua confiança de que seus aviões não cairão, sua garantia de que partidas e chegadas chegarão a tempo, as boas vindas e o convite para o retorno” (HOCHSCHILD, 2012 p.4, tradução nossa<sup>14</sup>). O trabalho emocional configura-se, então, a partir da existência de emoções que devem ser acionadas- ou desativadas- nos empregados durante o processo produtivo ou, neste exemplo, na venda de serviços, de tal forma que parecer amar o emprego se torna parte fundamental para continuar no próprio emprego.

É interessante destacarmos que, por trás das diferenças que podem ser estabelecidas entre o trabalho físico e o emocional, existe uma semelhança no custo possível da realização de ambos os trabalhos: o trabalhador pode ficar alienado de um aspecto do seu próprio eu - o corpo ou as margens da alma – que é utilizado para a realização do trabalho. Hochschild (2003), exemplifica tal proposição contrapondo, por um lado, o uso do braço, por parte de um operário do século XIX em uma fábrica de papéis e, por outro lado, o sorriso despendido pelas

<sup>13</sup>*i use the term emotional labor to mean the management of feeling to create a publicly observable facial and bodily display; emotional labor is sold for a wage and therefore has Exchange value. I use the synonymous terms emotion work or emotion management to refer to these same acts in a private context where they have use value.* (HOCHSCHILD, 2012, p. 7)

<sup>14</sup>*The value of a personal smile is groomed to reflect the company's disposition – its confidence that its planes Will not crash, its reassurance that departures and arrivals Will be on time, its welcome and its invitation to return.* (HOCHSCHILD, 2012, p. 04)

comissárias de bordo, estabelecendo que o primeiro pode funcionar como uma máquina, ou um mero instrumento utilizado na produção de papel de parede e que é posse do empregador, uma vez que, por pagar o salário do operário, ele pode reivindicar o controle sobre a velocidade e movimentos dos braços do empregado, já o segundo, ou seja, a necessidade de sorrir constantemente no posto de trabalho, incute uma dúvida, nas comissárias de bordo, acerca das suas próprias emoções e sentimentos, como por exemplo, qual a relação entre a alegria artificial que elas necessitam induzir durante a jornada laborativa e a respectiva alegria própria com relação ao trabalho ou, no limite, quando são efetivamente felizes e quando não são?

Podemos afirmar que, no lugar da antiga forma de trabalho, surge uma nova que, ao unir a flexibilidade do capitalismo financeiro com a valorização das competências e habilidades profissionais e pessoais dos indivíduos, os explora mais ainda, de modo que, no capitalismo tardio, a maior liberdade de mercado faz com que a vida trabalhadora torne-se compulsória, obrigando uma contínua reinvenção dos trabalhadores que devem estar sempre aptos para as demandas permanentes que os diversos tipos de emprego lhes impõem. Bauman (2001) enfatiza que nos últimos quarenta anos, surgiu uma crescente necessidade dos indivíduos possuírem um corpo flexível, absorvente e ajustável, que fosse capaz de estar permanentemente pronto para viver situações não experimentadas e impossíveis de serem descritas de antemão, deflagrando o fim do trabalho enquanto fator de emancipação, autorrealização e integração entre a sociedade e seus membros (BODEI, 2013).

Essa perspectiva conflui com a abordagem do filósofo e psicanalista argentino Miguel Benasayag que, em sua obra intitulada *Oltre le passioni tristi: dalla solitudine contemporanea alla creazione condivisa* (2018), descreve como a destruição da interioridade dos indivíduos, na esfera das relações pessoais e públicas, como por exemplo, no campo do trabalho, se configura enquanto um eixo central sobre o qual gira o sofrimento psíquico contemporâneo. Através de relatos de casos clínicos, Benasayag (2018) constata que a cultura da performance etiqueta aos jovens empregados de acordo com características valorizadas pelo mundo neoliberal, construindo um indivíduo modular que é capaz de esconder-se (de si próprio) e controlar a si mesmo, desintegrando-se por completo de suas paixões, pulsões e sentimentos, a fim de ser um exoesqueleto de determinada empresa, representando uma perfeita personificação do que é ser um capital humano.

O lado perverso de tal forma de situar-se no mundo, apreendido pelo autor, assemelha-se com a alienação descrita por Hochschild com relação ao gerenciamento das emoções: o indivíduo, a fim de eliminar qualquer desvantagem que possa ter no campo do trabalho, suprime

todo traço de sentimento ou sofrimento particular, e age mediante uma lógica de resultados – buscando apresentar-se enquanto um “eu forte” que deve ser avaliado positivamente pelos demais –, até o ponto em que perde-se de si próprio, deixando de reconhecer-se enquanto uma pessoa individual e, principalmente, deixando de compreender sua interioridade. O psicanalista argentino ressalta que o sofrimento psíquico é uma característica marcante e distintiva do sofrimento contemporâneo (BENASAYAG, 2011; 2018), e estabelece que a causa desse sofrimento não reside em nenhuma limitação ou restrição imposta coercitiva e externamente aos indivíduos – como no caso da sociedade disciplinária –, mas a ampliação histórica da liberdade individual, paradoxalmente, representa um dos fatores que produz dores e angústias.

Em concordância com tal concepção, Remo Bodei (2013) compreende que, no passado, as pessoas estavam “encapsuladas” em esferas concêntricas e fechadas, que se apoiavam em claros mecanismos de inibição das expectativas terrenas (como, por exemplo, a religião), possibilitando que os seres humanos se situassem no mundo e se orientassem sobre a base de certos modelos, critérios e imagens fixos de vida, o que se transforma radicalmente nas sociedades contemporâneas, que apresentam uma série de fatores interligados, como por exemplo, o elevado desenvolvimento técnico, o aumento da riqueza coletiva, o declínio das prerrogativas reais, o fim da monarquia hereditária e o advento dos arranjos societários democráticos, plurais e complexos, que fornecem e acentuam a autonomia e a diferenciação social entre os indivíduos, colocando fim aos limites até então existentes e, promovendo, por conseguinte, uma liberdade que, desvinculada dos laços familiares e sociais, aparece enquanto enraizada e internalizada no indivíduo.

Configurando-se enquanto uma diversidade de necessidades individuais inéditos, e estimulando o desejo e a imaginação dos sujeitos que, por serem seres dotados de uma vontade ilimitada, passam a imaginar serem outros desde a infância, baseando-se e inspirando-se, cada vez mais, por modelos literários, meios de comunicação de massa e redes sociais, que organizam um imenso catálogo de vidas paralelas que podem ser adquiridas por todos mediante a compra de mercadorias.

### 3.4 AS EMOÇÕES E AS NOVAS FORMAS DE MERCADORIAS

A passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, no início dos anos 60, buscou efetivar não apenas a conquista do espaço interestelar, mas também e,

fundamentalmente, a do espaço interior dos indivíduos (EHRENBERG, 2010) através de uma busca pelo “verdadeiro eu”, em que as preferências pessoais e as emoções tornaram-se assuntos extremamente difundidos e, inclusive, públicos. Nesse cenário, serão as forças de mercado que, apesar de terem auxiliado na erosão da estabilidade dos modelos tradicionais de vida e terem promovido a ansiedade no trabalho, devido às novas condições laborativas anteriormente descritas, e, nos lares dos indivíduos, com a atrofia dos vínculos sociais e a aceleração social do tempo histórico, irão, ironicamente, oferecer conhecimento, apoio e alívio para os mesmos indivíduos (HOCHSCHILD, 2012), aumentando exponencialmente os serviços pessoais que são fabricados e destinados às elites econômicas e também para as classes médias.

Em *The Outsourced Self: what happens when we pay others to live our lives for us* Hochschild (2012) elucida que muito do que os sujeitos costumavam fazer uns pelos outros em suas relações com os vizinhos, amigos e familiares agora se garante através do mercado – a comida caseira converte-se no almoço em algum restaurante, a costura de roupas é deixada para fábricas têxteis e os cuidados estéticos direcionam-se para os salões de beleza – espaços de consumo, compra e venda de mercadorias. Nesse sentido, nos é possível compreender que o modelo societário atual “promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista” (BAUMAN, 2008, p.71), que essencialmente passa pelo crivo do mercado e advém do ato de consumir.

Entendemos tal qual Illouz (2009, p. 378, tradução nossa)<sup>15</sup>, que “o consumo se apoia em um motor econômico implacável, mas fala aos recantos mais suaves de nossa psique, reunindo vários grupos socioeconômicos na mesma estrutura homogênea do mercado e cultivando diferenças em nível individual”, promovendo não apenas a busca constante por mercadorias materiais, mas, fundamentalmente, atribuindo e incentivando a busca de valores imateriais, experienciais e espirituais nessas mercadorias. Reunindo, portanto, contradições e paradoxos que, longe de deflagrarem a crise da cultura contemporânea, são o seu próprio movimento e cristalização.

Se, por um lado, tradicionalmente os sociólogos do consumo elegeram o desejo enquanto uma categoria explicativa para a estrutura motivacional do ato de consumir, substituindo a visão puramente utilitarista e racional do consumo e acreditando que, a partir

---

<sup>15</sup>*Consumption leans on an extraordinarily ruthless economic engine, yet it speaks to the softest crannies of our psyche. It draws together various socioeconomic groups in the same homogeneous structure of the market, yet it cultivates differences at an increasingly micro - scopically individual level.* (ILLOUZ, 2009, p.378)

disso, poderiam apreendê-lo de uma maneira mais completa e complexa, por outro lado, Illouz apresenta uma série de argumentos para que se possa repensar o uso indistinto da noção de desejo na interpretação do consumo:

Primeiro, a noção de desejo é indiferenciada. Isso significa que ela não distingue entre as diferentes maneiras pelas quais os bens são desejados e incorporados de maneira diferente na relação que o eu entretém com seu ambiente social. Mesmo que a literatura sobre consumo veja os desejos relacionados com "o corpo humano e suas várias capacidades de desfrute essencial e ação agressiva" (Bocock, 1993: 97), em geral ela não desenvolveu um relato empiricamente diferenciado de como as diferentes formas de desejos se relacionam com o consumo (...). Segundo, enquanto a maioria dos sociólogos do consumo sustenta a visão de que o desejo é moldado socialmente, poucos ou nenhum especificaram exatamente como ele é moldado. O resultado foi que a noção de desejo frequentemente implica uma visão do consumo como consistindo em uma excitação desorganizada dos desejos (ILLOUZ, 2009, p. 381, tradução nossa)<sup>16</sup>

A partir disso a autora estabelece o conceito de *emoção* como o mais adequado para justificar e entender o consumo em seu interior, e isso porque ele é capaz de explicar a articulação entre a cognição e cultura e, também, entre a estrutura motivacional das pulsões e do corpo. Para que "a categoria de emoção não seja psicológica ou individualista precisamos entender como ela é infundida através de significados culturais" (ILLOUZ, 2009, p.379, tradução nossa)<sup>17</sup> de modo que a imaginação, ou melhor, a implantação socialmente construída de fantasias culturais, é o que une o ato de consumir às emoções, assim temos que:

Para que uma emoção seja ativada, alguns componentes da ação humana precisam ser acionados: primeiro é uma cognição, isto é, uma crença sobre o mundo (por exemplo, 'estar bem vestido é um sinal de feminilidade e ser feminino é um ser sexy'); a segunda é uma avaliação, uma atitude positiva ou negativa em relação a um objeto específico ("eu gosto desse vestido porque é feminino e sexy e ser feminino é muito desejável"); terceiro, é a reação corporal que pode passar de sensações físicas leves a agudas ('senti uma pontada de prazer quando experimentei esse traje'); quarto, um afeto ("me

---

<sup>16</sup> *First, the notion of desire is undifferentiated. This means that it does not distinguish between the different ways in which goods are differently desired and differently incorporated in the relation the self entertains with its social environment. Even if the literature on consumption views desires as relating 'to the human body and its various capacities for essential enjoyment and aggressive action' (Bocock, 1993: 97), by and large it has not developed an empirically differentiated account of how different forms of desires relate to consumption (...). Second, while most sociologists of consumption hold the view that desire is socially shaped, few if any have specified just how it is shaped. The result has been that the notion of desire frequently entails a view of consumption as consisting of a disorganized arousal of desires.* (ILLOUZ, 2009, p. 381)

<sup>17</sup> *For the category of 'emotion' not to be psychological or individualistic we need to understand just how it is infused with cultural meaning through and through.* (ILLOUZ, 2009, p. 379)

sinto sensual e autoconfiante quando visto esse vestido"); e, finalmente, a emoção também contém uma motivação para agir ("querer comprar este vestido feminino e sensual "). (ILLOUZ, 2009, p.382, tradução nossa)<sup>18</sup>

Destarte Illouz explicita que as emoções são entidades carregadas de energia, que conferem “cor” a ação, entretanto, tal constatação apenas é possível ser realizada se se compreende as emoções menos como fatores individuais e psicológicos e mais como relações culturais e sociais que se interpenetram, “colorindo” as ações devido à uma série de estímulos culturais. Para, além disso, podemos enfatizar que a dinâmica interna do consumo está ancorada em um sistema cultural pautado, sumariamente, em imagens, conceitos, criação de afetos e mobilização do corpo (ILLOUZ, 2009), marcando o “eu” do sujeito consumidor através de narrativas de sucesso e desejo que, permanentemente, estimulam a cognição, afetos e corpo dos mesmos.

Illouz ressalta, nesse sentido, a importância da publicidade – atrelada à cultura consumista – e como ambas viabilizam uma teia de significados (culturais) e concepções de mundo, como, por exemplo, “liberdade de escolha é um direito humano fundamental” e a “felicidade é uma questão de ter tudo o que precisamos” (ILLOUZ, 2009) difundidas no imaginário coletivo, através de romances, fotografias, cinema, rádio, televisão, e os instrumentos de registro e comunicação mais recentes – celular, internet, facebook, twitter, Instagram – que permanentemente e velozmente propagam suas mensagens (BODEI, 2013), mas também suas imagens, palavras e emoções.

Destacamos, ainda, que a cultura do consumo está fortemente alicerçada sobre uma base emotiva, relacionando-se menos com o valor utilitário dos objetos e mais com seus significados simbólicos, o que pode ser exemplificado e comprovado devido ao fato de que diversas mercadorias são vendidas sob a forma de experiências (imateriais), sobre isso o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004, p. 128) estabelece que “o que se busca antes de tudo com o consumo atual é uma sensação forte, um gozo emotivo que se fixa menos no prestígio social do que na experiência mesma do prazer da novidade”. A cultura do consumo também se caracteriza pela maneira como mobilizou os ideais de identidade pessoal e o corpo dos indivíduos, de modo que

---

<sup>18</sup> *For an emotion to be activated, a few components of human action need to be put into motion: first is a cognition, that is, a belief about the world (e.g. 'to be nicely dressed is a sign of femininity and to be feminine is to be sexy'); second is an evaluation that is, a positive or negative attitude towards a specific object ('I like this dress because it is feminine and sexy and being feminine is very desirable'); third, is a bodily reaction that can run from mild to acute physical sensations ('I felt twitches of pleasure when I tried this fancy dress on'); fourth, an affect ('I feel sensual and self-confident when I put this dress on'); and finally, emotion also contains a motivation to act ('wanting to buy this feminine, sensual dress')*(ILLOUZ, 2009, p.382).

“o mercado incentiva, permanentemente, o “eu” a pensar em si mesmo em termos das pistas visuais que outras pessoas podem ver e avaliar” (ILLOUZ, 2009), por exemplo, nossas roupas, comportamentos, formato de corpo e tipos de comida estão em constante avaliação.

Compreendemos, assim, que as emoções oferecem uma explicação empírica sobre o consumo e mais concreta que a noção de “desejo”, articulando “o fato de que muitos bens de consumo são bens experimentais e experienciais, com a dinâmica do gosto e da distinção e, até mesmo, com o caráter profundamente social e relacional dos bens de consumo” (ILLOUZ, 2009, p.386, tradução nossa)<sup>19</sup>, que nos levam a interpretar o capitalismo contemporâneo como um sistema capaz de imbricar a racionalidade e a emotividade, caracterizando-se enquanto “capitalismo emocional” que refere-se ao fato de que as práticas e discursos emocionais e econômicos se produzem mutuamente (ILLOUZ, 2007).

Apresentamos, até aqui, a importância das emoções – entendidas como categoriais sociológicas – para nos auxiliar em uma melhor interpretação das dinâmicas inerentes ao consumo, agora, iremos demonstrar, tomando como base o pensamento de Illouz, que nesta nova fase e forma do capitalismo, o mercado é capaz de produzir emoções, utilizando três pontos centrais da cultura hodierna, que dizem respeito aos ideais de identidade, a saber: a autenticidade emocional; a intimidade, amizade e expressividade emocional e o autoconhecimento, autocontrole e superação pessoais que, ao efetuarem a articulação entre o mercado, a cultura e as emoções (ILLOUZ, 2018) inauguram uma nova “tipologia” de bens emocionais que se caracterizam, segundo Illouz (2018) por serem experiências e estados de animo; relações emocionais e, ainda, autotransformação emocional, fazendo surgir, no mercado, uma série inaudita de bens de consumo materiais e, também, imateriais.

Em seu livro *Emotion as commodities: Capitalism, Consumption and Authenticity*, Illouz propõe uma análise sociológica que promova:

A afirmação de que as emoções não são meros componentes da estrutura motivacional do consumidor, ou um conjunto de significados adjuntos “carregados” em outros bens, mas também, e mais significativamente, verdadeiros commodities em si mesmos. Com isso não nos referimos aos significados e nexos emocionais que as commodities acumulam depois de ser adquiridos (Ilmonen, 2004), mas sim a que as commodities estão desenhadas com a finalidade de criar emoções e afetos, superficiais ou profundos, de impacto efêmero ou a longo prazo, e são consumidas como tais. Quero dizer,

---

<sup>19</sup>The fact that much of consumption goods are experiential goods; the dynamics of taste and distinction; and the deeply social and relational character of consumer goods.(ILLOUZ, 2009, p.386)

as emoções não são apenas comercializadas e Commodificadas, mas também criadas e moldadas no contexto de atos de consumo específicos. (ILLOUZ, 2018, p.16, tradução nossa)<sup>20</sup>

Ao relacionar o conceito de commodities com as emoções, Illouz (2018) sugere o entrelaçamento profundo entre os atos de consumo e a vida emocional, onde “as commodities facilitam a expressão e experiência das emoções e as emoções convertem-se em commodities”, sendo que a autora nomeia de “emodity” a cada um dos muitos nós em que emoções e atos de consumo coincidem (ILLOUZ, 2018). Podemos encontrar diversos exemplos, nas obras da autora, acerca das mercadorias emocionais: a indústria cinematográfica e o medo convertido em commodities, as músicas e como produzem uma promessa de relaxamento, o ideal de autoajuda e saúde mental como commodities que movimentam uma grande indústria da felicidade e, até mesmo, o prazer como uma emoção fabricada em viagens voltadas para o lazer e relaxamento.

Após elucidarmos brevemente a maneira pela qual as emoções e sentimentos se configuram em novas chaves econômicas, influenciando nas relações de trabalho e convertendo-se em diversas mercadorias no interior do processo produtivo e da venda de serviços, iremos demonstrar a importância política das emoções e como elas podem ser instrumentalizadas e manipuladas pelos atores sociais.

### 3.5O POPULISMO EMOTIVO

O populismo emotivo aparece enquanto um fenômeno reativo à globalização econômica e política e, portanto, aos valores, formas de vida e instituições que constituíram uma nova totalidade econômica, política e cultural, a partir do final da década de oitenta, reagindo à desregulamentação econômica dos movimentos dos capitais, aos direitos sociais e econômicos que foram viabilizados pelas políticas do estado de bem estar social, durante o período da democracia moderna, e, ainda, ao aumento das desigualdades sociais que geraram uma profunda queda no nível do consumo e da renda dos indivíduos.

---

<sup>20</sup> *The conceptual shift put forward in this book is the claim that emotions are not just mere components of the motivational structure of the consumer or a set of adjunct meanings “loaded into” other goods, but also and more significantly actual commodities in themselves. By this, we do not mean the private emotional meanings and attachments which commodities accumulate after being purchased (Ilmonen 2004), but rather that commodities are designed in order to create emotions and affects, be they deep or shallow, whith a transiente or long-term impact, and that they are consumed as such. That is, emotions are not only marketed and commodifid, they are also shaped and created in the context of specific acts of consumption. (ILLOUZ, 2018, p.16)*

É fundamental pontuarmos que o objeto ao qual pretendemos nos referir quando utilizamos o termo “populismo” sempre esteve envolto em uma aura de imprecisão (TARCHI, 2015) fazendo desse conceito – de sua interpretação – um campo difuso nas ciências sociais, possuindo múltiplas possibilidades de manifestação ao longo do curso da história, bem como diversas fases e formas, que fazem com que ele não possua um corpo doutrinário fixo e, portanto, não possa ser considerado uma ideologia. Segundo Tarchi (2015) o populismo surge mediante a utilização variada de ideias e valores e pode ser compreendido como uma “forma mentis”, uma espécie de mentalidade, que corresponde a uma visão de mundo e a uma determinada ordem social, sendo caracterizado por efetuar uma culpabilidade das elites – nacionais, transnacionais e cosmopolitas – que surgiram com a globalização econômica e política, pela degradação e instabilidade do cotidiano dos cidadãos-espectadores, de modo que, para melhor compreender o populismo contemporâneo, é importante ressaltarmos que ele insere-se em um tempo histórico e em um espaço social que, durante o século XX, sofreram sucessivas transformações.

Nesse contexto de vulnerabilidade das massas e um regime provisório de existência, marcado por profundas incertezas e inseguranças, os cidadãos, atomizados, despolidizados, fragmentados e isentos das antigas autoridades e orientações das potências de formação cultural (família, sindicatos e partidos políticos) vivenciam o que Dominique Reynié, cientista político francês, conceituou como “queda do nível de vida” que se refere à estagnação ou redução do preço da força de trabalho, sobretudo para os trabalhadores que foram profundamente afetados pelas revoluções tecnológicas, bem como o desemprego estrutural, o que faz com que os salários sejam insuficientes não só para o hiperconsumo, mas, também, para o consumo básico do trabalhador.

Para além das questões associadas ao campo material, Reynié também apreendeu diversas “transformações nos modos de vida” dos indivíduos, advindos das lutas sociais efetuadas em prol do reconhecimento e respeito à identidade subjetiva das mulheres, afrodescendentes, homossexuais e imigrantes, que desejam o direito público de existência, e o próprio estímulo dado ao multiculturalismo nos últimos decênios, que promoveram uma profunda transformação nos costumes e identidades que, atrelada às crises econômicas e de representação, promoveram um acúmulo de incertezas, frustrações e ressentimentos em grande parte dos cidadãos, ocasionando um terreno fértil para o populismo.

A partir disso, o populismo surge através de uma poderosa narrativa política reativa à crise da política e do sistema de representação política, à globalização econômica e política, ao establishment, ao multiculturalismo, ao universalismo, ao fenômeno da migração de massa, às

crises sociais intensas e aos direitos e reconhecimento recíproco das minorias que ascenderam socialmente no período da democracia moderna. É interessante destacarmos que o populismo encarna uma atitude política que reivindica o monopólio da representação popular, estabelecendo a figura do líder como o único e verdadeiro representante do povo (do povo verdadeiro, daqueles que foram impactados com o curso dos últimos decênios), além de reivindicar o monopólio de uma única moral, afirmando, também, um desejo de retorno a uma comunidade, que seria pura, homogênea, uniforme e de iguais, onde as degenerações provocadas pelas elites cosmopolitas e imigrantes, não seria aceita. É interessante resgatarmos, brevemente, a constatação de Zygmund Bauman (2017) acerca da busca, no século XXI, de um retrocesso nostálgico ao mundo das antigas comunidades:

Quinhentos anos depois de Thomas More dar o nome de “Utopia” ao sonho humano milenar de retornar ao paraíso, ou de estabelecer a bem-aventurança na terra, mais uma tríade hegeliana formada por uma dupla negação está hoje perto de fechar seu círculo. Depois que as perspectivas de felicidade humana – amarradas, desde More, a um topos (um lugar fixo, uma pólis, uma cidade, um Estado soberano, cada um deles sob um soberano sábio e benevolente) – foram descoladas e desamarradas de todo e qualquer topos particular, e individualizadas, privatizadas e personalizadas (“subordinadas” a indivíduos humanos segundo o modelo dos caracóis), agora é a vez de elas serem negadas por aquilo que, de forma arrojada e quase bem-sucedida, tentaram negar. Dessa dupla negação da utopia ao estilo More – sua rejeição seguida por sua ressurreição – hoje estão emergindo “retrotopias”: visões instaladas num passado perdido/roubado/ abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro “ainda todavia por nascer” e, por isso, inexistente, como foi o caso da sua ancestral duplamente repudiada (BAUMAN, 2017, p.10)

Nesse sentido, é fundamental destacarmos que o populismo contemporâneo, enquanto um fenômeno altamente emotivo é capaz de articular a “história profunda” (HOCHSCHILD, 2016) dos indivíduos, conseguindo produzir um consenso político instantâneo ao relacionar o ressentimento, a angústia, e os mais diversos medos dos eleitores contemporâneos – ou seja, suas emoções profundas – à figura de um líder responsável por “salvar” a comunidade dos iguais, o que é viabilizado pelas revoluções tecnológicas que, por intermédio das redes sociais, possibilitam que a política se alimente de big datas que transmitem informações dos usuários, de modo a metrificar as emoções que as pessoas demonstram online, produzindo seus “remédios”. Hochschild (2016) em seu livro, *Strangers in their own land*, realiza uma investigação dos eleitores de Donald Trump, no estado de Louisiana e apreende que a política contemporânea atinge as pulsões dos indivíduos e as direcionam para o voto em determinado candidato.

As emoções dos indivíduos passam a ser construídas cultural e socialmente, através de um bombardeamento de notícias sobre guerras, crises permanentes e desigualdades, atrelado a isso se soma a incerteza e insegurança do tempo histórico atual, com o trabalho alienante queda da renda, recursos e oportunidades e, portanto, do status social e econômico dos cidadãos, o que possibilita ao líder populista o uso indiscriminado de uma retórica simples e agressiva, que afeta as emoções primárias, gerando sucessivas identificações entre o que ele pensa e sente, com o que o povo “comum” vivencia cotidianamente.

Estudar o populismo contemporâneo, por fim, revela sua importância porque esse é um fenômeno que cresce na realidade empírica, disseminando uma mentalidade carregada de preconceitos, chauvinismos e que enfatiza uma democracia que é, muitas vezes autoritária, ocultando em seu cerne questões sociais profundas, que dizem sobre a condição dos seres humanos que foram expostos, nos últimos quarenta anos, a uma série de mudanças no seu dia a dia e, para, além disso, porque é uma forma política que engloba as emoções, pulsões e paixões dos indivíduos, utilizando-as enquanto instrumentos capazes de angariar votos.

Passaremos, agora, para a interpretação e análise da sociologia das emoções desenvolvida por Eva Illouz, percorrendo algumas obras importantes da autora, como, por exemplo, *Why Love hurts: a sociological explanation* e *Happycracia: cómo La ciencia y La industria de La felicidad controlan nuestras vidas*, a fim de evidenciar como a autora concebe e articula temáticas tão complexas, como, por exemplo, a sexualidade, o amor, a identidade, a felicidade e a liberdade sexual com a cultura e o capitalismo contemporâneo.

#### **4A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES DESENVOLVIDA POR EVA ILLOUZ**

O pensamento desenvolvido por Eva Illouz, professora de sociologia na universidade hebraica de Jerusalém, diretora de estudos da École des Études em Sciences Sociales (HESS) e premiada socióloga indicada pelo jornal alemão *Die Zeit* entre os doze pensadores com maior possibilidade de “mudar o pensamento do amanhã”, revela sua importância ao investigar, através de fontes históricas, culturais e midiáticas (ILLOUZ, 2016), um conjunto inaudito de questões sociológicas que abrangem, fundamentalmente, a articulação entre o capitalismo, a cultura e as emoções e sentimentos.

Autora de diversos livros, dentre os quais abordaremos brevemente neste capítulo: *El consumo de la utopía romantica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo*

(2009), *Why Love hurts: a sociological explanation* (2012), *Happycracia: cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas* (2018), Illouz destaca-se no campo da sociologia das emoções, analisando as contradições e paradoxos do mundo contemporâneo, como por exemplo, o amor – na sociedade hodierna – como algo que machuca, o ideal de felicidade mover uma gigantesca indústria de bens de consumo e a libertação sexual conter em seu interior estratificações de gênero.

A autora enfatiza que o capitalismo fez da racionalidade um sinal distintivo presente de forma hegemônica na ação humana, permitindo que os indivíduos se orientassem por metas específicas, atuando em prol de seus interesses próprios de maneira legítima e utilizando todos os seus conhecimentos para alcançar seus objetivos particulares, todos eles delimitados racionalmente, porém, “longe de anunciar uma perda da emotividade, a cultura capitalista, pelo contrário, vem acompanhada de uma intensificação sem precedentes da vida emocional” (ILLOUZ, 2018 p.5, tradução nossa)<sup>21</sup>, que é manifestada de diversas maneiras, como por exemplo, no fato de que muitos sujeitos contemporâneos voltam suas vidas para a realização de projetos emocionais – o amor romântico, a superação de um término, a autorrealização pessoal e profissional e a busca por felicidade – colocando o “eu” interior e privado em evidência e relacionando-o com uma série de discursos e valores econômicos e políticos.

Illouz define o campo da sociologia das emoções a partir da compreensão de que as emoções e sentimentos são produtos históricos, culturais e sociais. Isso lhe permite refutar as críticas que interpretam as emoções como “expressões subjetivas, invisíveis e pessoais” (ILLOUZ, 2007) que, ao serem estudadas, levariam a uma desvalorização da sociologia como uma ciência que, tradicionalmente, se ocupou com o estudo de regularidades objetivas, atos comparáveis e grandes instituições (ILLOUZ, 2007). A sociologia de Illouz objetiva compreender, portanto, como as emoções são criadas a partir de relações sociais, demonstrando que o sistema capitalista fora capaz de construir uma base emotiva e de sentimentos que não circulam livremente e sem restrições, mas que condensam em si as principais instituições da modernidade.

O pensamento crítico formulado por Illouz consiste em “separar o verdadeiro do falso” (ILLOUZ, 2013) presente nos fenômenos sociais, partindo das formas fenomenológicas que os objetos assumem – aquilo que reina oculto, que está velado – em sua aparência social, e

---

<sup>21</sup>*Far from heralding a loss of emotionality, capitalist culture has on the contrary been accompanied with a unprecedented intensification of emotional life* (ILLOUZ, 2018, p. 5)

encontrando a maneira pela qual tais formas vinculam-se a determinados conteúdos, interrogando, constantemente, o que dota de sentido e significado as formas de vida, as subjetividades e as identidades.

#### 4.1 PRÁTICAS DE CONSUMO OU ATOS DE AMOR? O CASAMENTO ENTRE MERCADO E ROMANCE

Em seu primeiro livro publicado, *El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo*, Eva Illouz efetua uma análise sociológica que busca explicar como a modernidade – em suas diversas fases e formas, lutas políticas, conflitos sociais e batalhas culturais – atribuiu e atribuí forma a vida emotiva dos indivíduos. Enfatizando que ocorreram processos sociais cada vez mais impactantes na ordem social, a socióloga franco-marroquina apreende uma profunda movimentação na “roda da história”, causada pelas forças econômicas e políticas que efetuaram a modificação e transformação da realidade social existente, em um período que abrange desde o fim da segunda guerra mundial e, fundamentalmente a segunda metade do século XX – como já vimos na introdução deste trabalho – e que possibilitaram o estabelecimento de um vínculo profundo entre o amor e a cultura capitalista.

A partir disso, Illouz objetiva compreender “as formas e os mecanismos mediante os quais se produz a intersecção entre as emoções românticas e a cultura, a economia e a organização social do capitalismo avançado” (ILLOUZ, 2009, p. 17, tradução nossa<sup>22</sup>). Longe de ser um livro feito para exaltar as virtudes do amor ou lamentar suas problemáticas e deficiências, o estudo de Illouz afasta-se de uma fenomenologia do amor romântico, por não abordá-lo em sua realidade íntima nem através da utilização de categorias da experiência amorosa, como por exemplo, o primeiro beijo ou o último encontro de um casal, se distanciando, também, das definições tradicionalmente atribuídas pelos sociólogos da cultura, que apresentavam o amor romântico como uma paixão absoluta possível de ser analisada e interpretada em chave religiosa. *El consumo de la utopía romántica* visa, portanto:

---

<sup>22</sup> Por lo tanto, se trata aquí de comprender las formas y los mecanismos mediante los cuales se produce la intersección de las emociones románticas con la cultura, la economía y la organización social del capitalismo avanzado. (ILLOUZ, 2009, p.17)

Colocar os múltiplos sentimentos evocados pela expressão "ter um relacionamento romântico com outro" em um contexto crítico. Vários estágios do "relacionamento romântico" (como atração inicial, namoro, e casamento) também são estudados aqui, não é realizada uma análise cronológica, pois o objetivo não é contar a história do amor contemporâneo, mas colocá-la no campo do estudo tradicional da sociologia da cultura e sujeitá-la a certas perguntas sobre os significados e os símbolos não ditos que organizam nossa experiência romântica de uma maneira preponderante, em detrimento de outros. (ILLOUZ, 2009, p. 23, tradução nossa)<sup>23</sup>

O trabalho sociológico da autora concentra-se em responder a pergunta: como se constituiu o encontro do amor com o capitalismo, partindo da apreensão de que o amor romântico é uma prática cultural. Se, por um lado, até meados dos anos sessenta, as ciências sociais conceberam a cultura como uma prática pública e coletiva, separando as emoções de seus estudos e inserindo-as ao lado das experiências meramente subjetivas e psicológicas, relacionadas apenas com a esfera da vida íntima e privada e, conseqüentemente, as distanciando da vida coletiva e simbólica (ILLOUZ, 2009), por outro lado, Illouz ressalta a necessidade da sociologia efetuar uma análise do amor romântico – e de suas manifestações – como, por exemplo, seus rituais públicos, conflitos sociais, relações de classe, encontros românticos e matrimônio, como pertencente a uma gramática de instituições e quadros culturais que transcendem os indivíduos isolados, o que só é possível de ser pensado a partir da constatação, advinda do campo da antropologia e da psicologia, nos últimos vinte anos, de que a cultura, ou seja, as normas, linguagens, estereótipos sociais e simbolismos, presentes em determinado tempo histórico e espaço social, exercem influência sobre as emoções, auxiliando, inclusive, em suas definições.

Assumindo que as emoções são um “conjunto complexo de mecanismos de percepção, processos interpretativos e respostas a estímulos fisiológicos” (ILLOUZ, 2009, p.20, tradução nossa)<sup>24</sup>, entendemos que elas são ativadas nos sujeitos através da convergência de ação entre o corpo, a cognição e a cultura, de modo que o amor romântico e a própria vida afetiva dos indivíduos, como prática cultural, se relacione com a esfera da política e da economia na exata medida em que também ativa e estimula aos corpos dos indivíduos. É interessante destacarmos

---

<sup>23</sup> *Este trabajo ubica en un contexto crítico los múltiples sentimientos invocados por la expresión "tener una relación romántica con otro" Si bien aquí se estudian varias etapas de la "relación romántica" (como la atracción inicial, las citas, el noviazgo y el matrimonio), no se efectúa un análisis cronológico, ya que el objetivo no es contar la historia del amor contemporáneo, sino más bien colocarlo en el ámbito de estudio tradicional de la sociología de la cultura y someterlo a ciertos interrogantes acerca de los significados y los símbolos tácitos que organizan nuestra experiencia romántica de manera preponderante, en detrimento de otros.* (ILLOUZ, 2009, p. 23)

<sup>24</sup> *Se entiende como "emoción" un conjunto complejo de mecanismos de percepción, procesos interpretativos y respuestas a estímulos fisiológicos.* (ILLOUZ, 2009, p. 20)

que a cultura também exerce influência na construção, interpretação e funcionamento das emoções, “operando como um marco dentro do qual a experiência emocional se organiza e se define, se classifica e interpreta” (ILLOUZ, 2009, p. 21, tradução nossa<sup>25</sup>), codificando, assim, as emoções e sentimentos.

Podemos ressaltar que são quatro as funções desempenhadas pela cultura que permitem a codificação da excitação sexual em um sentimento amoroso. A primeira diz respeito ao estabelecimento de um sentido – que varia de acordo com a tradição cultural de cada sujeito, seja ela cristã, romântica ou científica – para a excitação fisiológica, interpretando a excitação sexual como um verdadeiro encontro de almas, um avassalador amor à primeira vista ou um simples momento de luxúria (ILLOUZ, 2009). A segunda diz respeito à forma como essas definições possuem significados imersos em um conjunto de normas, princípios, prescrições e, também, proibições, já a terceira função diz sobre os valores culturais e a forma pela qual eles estabelecem a avaliação da intensidade da excitação fisiológica, como por exemplo, a tradição romântica valorizar a etapa inicial do enlace afetivo ou, na cultura contemporânea, os diversos encontros românticos demarcarem o início do sentimento e da atração entre os sujeitos – o que vai de encontro com os valores hedonistas e consumistas da sociedade – e, por fim, a quarta função retrata como a cultura insere símbolos, histórias e imagens que atuam facilitando a comunicação e tradução dos sentimentos românticos.

Estas quatro funções culturais apresentadas por Illouz viabilizam o entendimento do por quê de determinados repertórios culturais de emoções e sentimentos se tornarem mais visíveis e disseminados do que outros: porque eles são moldados através de estruturas sociais objetivas, que condicionam e atribuem forma à vida afetiva na modernidade, a partir dos imperativos políticos, econômicos e culturais das forças sociais hegemônicas que se encontram no poder em um dado período histórico, assim nos é possível dizer que a gramática do amor moderno é o capitalismo. Destarte, observamos que, no início do século XX, o amor romântico passa por um processo de dessacralização que lhe permite deixar de ser concebido como o “altar frente ao qual os apaixonados se “consagravam” mediante um culto de devoção cristã” (ILLOUZ, 2009), para se configurar enquanto um “rito” fortemente embasado em imagens e valores que serviram, segundo Illouz, para estimular a utopia coletiva da abundância, do individualismo e da autorrealização.

---

<sup>25</sup>Ésta opera como un marco dentro del cual la experiencia emocional se organiza, se define, se clasifica y se interpreta. (ILLOUZ, 2009, p.20)

Fatores como o crescimento dos centros urbanos, a jornada de trabalho regulamentada para não ultrapassar oito horas diárias de serviço e o aumento da renda per capita – que permitiu um maior tempo dedicado ao consumo de ócio – possibilitaram uma expansão da produção e troca comercial de mercadorias e, conseqüentemente, uma intensificação dos modelos de consumo disseminados para as massas. Illouz estabelece que nas grandes cidades<sup>26</sup>, a partir da década de 1930, ocorreu um fantástico desenvolvimento das atividades comerciais de lazer e divertimento, dando início, também, a um vasto sistema de publicidade e propaganda, que se consolidou como uma das maiores forças que viriam a impulsionar a transformação da economia em um mercado de consumo de massa (ILLOUZ, 2009). Neste contexto, o entrecruzamento entre práticas econômicas e amor romântico se consolida mediante os processos de romantização dos bens de consumo, permitindo que determinados tipos de bens, ou seja, de objetos, adquiram uma aura romântica nas revistas, novelas e propagandas, bem como através da mercantilização do romance, referente ao processo mediante o qual “as práticas amorosas vão se assimilando e entrelaçando cada vez mais com o consumo das tecnologias e os artigos dedicados ao ócio que oferecem um novo mercado massivo na época” (ILLOUZ, 2009, p. 50, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Illouz destaca que a densidade do amor começa a dissolver-se no ar do consumo, do ócio e do prazer, sendo que, na atualidade, os bens de consumo e serviços dedicados ao “eu” aparecem como os maiores responsáveis pelo auxílio na manutenção dos episódios românticos. Apreendemos, portanto, que desde as primeiras décadas do século XX e, mais intensivamente, na segunda metade do mesmo século, os indivíduos foram condicionados a amar de uma forma específica que, ao relacionar-se com os campos da cultura e da economia, atrelou o sentimento amoroso e a vida afetiva às práticas de consumo. Essas constatações permitiram a autora cunhar o termo “capitalismo afetivo” que designa:

(...) uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (ILLOUZ, 2011, p.12)

---

<sup>26</sup> As análises de Eva Illouz voltam-se para os Estados Unidos da América.

<sup>27</sup> *Proceso mediante el cual las prácticas amorosas se van asimilando y entrelazando cada vez más con el consumo de las tecnologías y los artículos dedicados al ocio que ofrece el nuevo mercado masivo de esa época* (ILLOUZ, 2009, p.50)

Illouz (2011) enfatiza que os repertórios culturais advindos do mercado passam a modelar as relações interpessoais e afetivas, de modo que tais relações encontram-se extremamente fundidas às relações econômicas, fazendo com que a experiência do amor seja inteligível apenas por intermédio de mercadorias dotadas de emotividade. Em um contexto inaudito, a socióloga evidencia que houve uma profunda transformação na organização social do amor, que passa a encontrar nos objetos de consumo um elo entre indivíduos que objetivam viver um encontro emocional, sensual e/ou sexual.

Na obra *Emotion as commodities: Capitalism, Consumption and Authenticity* (2018), Illouz apresenta três formas pelas quais os objetos e as emoções se imbricam, sendo a primeira através de um significado emocional-sensorial construído por indústrias que fabricam imagens; a segunda forma se dá pela maneira como os objetos são consumidos no marco de motivações e intenções emocionais determinadas pela cultura do consumo e, por fim, no momento do consumo, são os objetos que auxiliam na criação de uma atmosfera emocional entre duas ou mais pessoas, mediando os diferentes desejos. Os atos de consumo e a vida emocional aparecem, então, interligados, cada um definindo e possibilitando o outro.

Para, além disso, a autora concebe que, nos últimos decênios, ocorrera a secularização do discurso romântico, que se consolida através de uma completa desvinculação do amor da religião, o que permitiu o crescimento da relevância social do amor na esfera da cultura de massas, fundamentalmente através dos cinemas<sup>28</sup> e publicidades, colocando fim a concepção vitoriana de amor heterossexual, visto como objeto de adoração e devoção que, temporalmente, deveria durar por toda a vida do casal e que contribuía, ainda, com a formação da autoconsciência do ser apaixonado mediante o confronto com o caráter e a moral do amante (do objeto de desejo). Segundo Illouz(2009, p.54, tradução nossa)<sup>29</sup> o amor romântico também funcionava “como um modelo de expressão autêntica, ainda que restrita, do mundo interior dos sujeitos, construindo um meio de alcançar a perfeição espiritual, como demonstrava a constante associação da vida afetiva com valores e metáforas religiosas”.

---

<sup>28</sup>Illouz enfatiza a importância da indústria cinematográfica em demonstrar o amor como o tema mais importante e mais recorrente nos filmes americanos da década de 30. Podemos lembrar das contribuições da teoria crítica que, ao estabelecerem como princípios a orientação para emancipação e comportamento crítico, no século XX, já apontavam para os perigos da indústria cultural que, longe de significar uma cultura espontânea das massas, representava uma ideologia manifesta enquanto um conjunto de objetos confeccionados para atrair as massas em suas condições de consumidoras, e adaptar e fixar seu estado de consciências. (HORKHEIMER, ADORNO, 1973)

<sup>29</sup>*Funcionaba como un modelo de expresión auténtica, aun que restringida, del mundo interior de los sujetos, ala vez que constituía un medio para alcanzar la perfección espiritual, como lo demostraba la asociación constante del discurso romántico con los valores y las metáforas de la religión* (ILLOUZ, 2009, p. 54)

Com a maior visibilidade do amor para a cultura de massas – revistas, jornais, novelas e filmes que bombardeavam os indivíduos com narrativas e imagens que remetiam a romances, sexualidade e identidade pessoal – temos a criação de um novo mito: o amor como utopia da transgressão, o que o vinculava a experiência do sagrado. A experiência do sagrado, entretanto, afasta-se daquela concebida pela religião e passa a habitar outros domínios da cultura. Segundo Illouz essa nova concepção de amor emerge a partir de uma nova formatação das relações afetivas nas quais se passa a registrar uma associação entre o amor, o matrimônio e a felicidade, o que diverge das concepções clássicas de amor, sempre associadas ao sentimento trágico, que compara o amor romântico com o perigo, a desilusão e a, muitas vezes, a dor.

As características que, tradicionalmente, estabeleceram o sentimento amoroso como responsável por dores, sofrimentos e obstáculos, atreladas a uma inevitabilidade inerente ao amar, foram retratadas em diversas novelas e em uma vasta tradição literária<sup>30</sup>, como, por exemplo, em *Persuasion*<sup>31</sup> obra que descreve a resistência do amor e do caráter da personagem Anne Elliot que, apesar de ser apaixonada pelo capitão Wentworth, rompe seu compromisso com ele, aos 19 anos, devido a influência de sua mentora Lady Russell. Oito anos depois, Anne – que recebe uma atenção afetiva de seu nobre e virtuoso primo – reencontra Wentworth e, apesar de saber que as chances de ficar junto ao capitão são pequenas, permanece fiel a ele e ao seu amor. O romance de Jane Austen (1818) insere-se temporalmente no século XIX e demonstra uma agonia romântica radicalmente diferente, em seu conteúdo, cor e textura, do tipo de sofrimento romântico dos indivíduos hipermodernos. De fato, segundo Illouz (2012), a dor por amor não é nova, o é, no entanto, a forma como a vivenciamos.

#### 4.2A GRANDE TRANSFORMAÇÃO DO AMOR E O NOVO SOFRIMENTO AMOROSO: ECOLOGIA DA ESCOLHA E ARQUITETURA DA ESCOLHA

Na obra *Os sofrimentos do jovem Werther* – marco da literatura romântica escrita por Johann Wolfgang Von Goethe – o personagem principal, Werther, encontrando-se

---

<sup>30</sup> De acordo com Illouz, os textos literários condensam pressupostos culturais codificados, sobre identidade, moralidade ou ritos de conduta, contribuindo na construção de modelos culturais alternativos aos nossos – os tipos ideais – que nos auxiliam em uma análise e compreensão das nossas próprias práticas românticas.

irremediavelmente apaixonado pela jovem Charlotte e, estando longe da família e de seus amigos, comunica-se, por intermédio de cartas, com Wilhelm, a quem escreve:

Wilhelm, que seria do nosso coração em um mundo inteiro sem amor? O mesmo que uma lanterna mágica apagada! Assim que se põe lá uma lâmpada, imagens de todas as cores surgem na tela branca... E mesmo se fosse apenas isso – fantasmas –, ainda assim continuará fazendo a nossa felicidade, sempre que nos postarmos diante deles, como crianças extasiadas... (GOETHE 1774 / 2005, p.127).

Essa breve passagem elucida a compreensão que o personagem criado por Goethe e, em certa medida, o próprio Goethe – uma vez que a obra fora redigida em tom autobiográfico – possui sobre o amor, apreendido como absoluto e incomensurável, o que conflui, também, com o mote dos diversos livros de Jane Austen, utilizados como testemunhos culturais das suposições que organizam o eu, a moralidade e as relações interpessoais (ILLOUZ, 2012), como, por exemplo, no romance acima citado *Persuasión*. Os enredos dessas obras mostram que o compromisso com o outro, parte de uma entrega total do eu, independentemente do efeito que isso pode resultar no bem-estar do ser apaixonado, porque “uma vez concedido seu amor, esta entrega o prende (aquele que está amando) para sempre e o compele a renunciar a qualquer perspectiva de melhora” (ILLOUZ, 2014). O ser apaixonado dedica a sua vida inteira a um ideal romântico e, conseqüentemente, à pessoa que ama - uma única pessoa, apenas - ainda que isso signifique existir envolto por dores e privações, negando qualquer outra chance concreta de encontrar o amor em outra pessoa.

Illouz (2014) destaca que a forma específica do afeto acima descrito encontra-se baseada na força de ideais amorosos de exclusividade, compromisso e culpa. No que tange a exclusividade, a autora enfatiza a constância - capacidade de manter os mesmos sentimentos e desejo estável, por uma única pessoa, no decurso do tempo - e a claridade - a absoluta certeza sobre as eleições e desejos no campo emotivo - como no caso de Anne Elliot e seu amor pelo capitão; o compromisso significa a completa renúncia à possibilidade de encontrar uma pessoa melhor para amar e, finalmente, a culpa se caracteriza pela escolha de um ser para amar, independentemente disso acarretar em contradições entre os desejos e normas socialmente definidas, de modo que:

Exclusividade, compromisso e culpa são conceitos, todos eles, provenientes de um eu que internalizou um cosmos moral e uma hierarquia. Esse eu vive na tensão entre diversos bens incomensuráveis, aceita a possibilidade de que

a maioria de seus desejos não sejam satisfeitos, e decide a partir de um centro do eu, comumente chamado de vontade (ILLOUZ, 2014, p. 22, tradução nossa)<sup>32</sup>.

Quando nos deparamos com as características do amor do século XIX, é possível percebermos o forte peso atribuído a noção de caráter— elo entre o eu e os valores e normas comuns e coletivos compartilhados pelo tecido societário – e a noção de moralidade do ser amado, que deveria estar presente nele e ser socialmente reconhecida pelos outros. Estabelecendo, também, uma clara divisão de gêneros e diferenciando, conseqüentemente, os papéis sexuais a serem desempenhados por mulheres e homens. Ao questionar-se sobre as mudanças que atingiram a estruturação do amor, Illouz (2012) estabelece que a oposição entre a sociedade e a escolha de um parceiro deixa de ser um condicionante das relações amorosas modernas, passando a ter maior legitimidade apenas a vontade particular do indivíduo e a intensidade de suas emoções e sentimentos. Além disso, a individualização da escolha de um parceiro pode ser ilustrada pelo surgimento de novos critérios que servem para avaliar a potencialidade de encontro de um par romântico: a intimidade emocional e compatibilidade psicológica e a sensualidade. Valores que refletem a ênfase que a cultura capitalista atribui à sexualidade e atratividade física, distanciando-se de um ordenamento social que acentuava a primazia a qualidades morais das pessoas e aproximando-se das padronizações impostas pelo mercado globalizado que institucionaliza e organiza os desejos dos indivíduos.

A grande transformação do amor<sup>33</sup> parte do “desenlace das escolhas românticas individuais do tecido moral e social do grupo e no surgimento de um mercado auto-regulado de encontros” (ILLOUZ, 2012, p. 41), o que foi possível de se concretizar através de uma mudança do conteúdo dos critérios de seleção de um parceiro – que passaram a buscar aspectos físicos, sexuais, emocionais e psicológicos – a partir de uma mudança do próprio processo de escolha de um parceiro que se encontra mais subjetivo e individual. De acordo com Eva Illouz:

A “grande transformação” do amor é caracterizada por uma série de fatores: (1) a desregulamentação normativa do modo de avaliação de possíveis parceiros - isto é, o seu desembaraço das estruturas grupais e comunitárias e o papel da mídia de massa nos critérios de definição da atratividade e valor; (2) uma tendência crescente de ver o parceiro sexual e romântico

---

<sup>32</sup> *Exclusividade, compromiso y culpa son conceptos, todos ellos, provenientes de un yo que ha internalizado un cosmos moral y una jerarquía. Este yo vive en la tensión entre diversos bienes inconmensurables, acepta la posibilidad de que la mayoría de sus deseos no Sean satisfechos, y decide desde un centro del yo comúnmente llamado voluntad.* (ILLOUZ, 2014, p. 22)

<sup>33</sup> Expressão cunhada por Karl Polanyi, em sua obra *A grande transformação* (2000) na qual o autor descreve os processos e dinâmicas sociais que acarretaram na possibilidade objetiva das forças econômicas – e o mercado auto-regulável – romperem com as estruturais morais, normativas e organizacionais das sociedades.

simultaneamente em termos psicológicos e sexuais (com o primeiro sendo finalmente incluído no segundo); (3) e, finalmente, o surgimento de campos sexuais, o fato de a sexualidade, enquanto tal, desempenhar um papel cada vez mais importante na competição entre atores no mercado matrimonial. (ILLOUZ, 2012, p. 41, tradução nossa)<sup>34</sup>

Destacamos, brevemente, que a transformação dos códigos culturais e afetivos fora possível mediante os fenômenos econômicos, políticos, culturais e tecnológicos que ocorreram na segunda metade do século XX e que foram abordados no primeiro capítulo<sup>35</sup>, sendo eles – dissolução da união das repúblicas socialistas soviéticas, fim da guerra fria e triunfo global do capitalismo, alto desenvolvimento tecnológico nas áreas da eletrônica, microeletrônica e robótica e descentralização e desregulamentação da economia que possibilitou a capacidade técnica do capital efetuar deslocamentos – os principais responsáveis pela cristalização de uma nova ordem objetiva e, também, de uma nova subjetividade, a partir de um conjunto de valores, ideias, interesses, necessidades e experiências. Segundo Illouz (2012) a categoria da *escolha* pessoal passou a se configurar como a característica cultural mais distintiva da modernidade, por viabilizar, tanto na esfera da economia quanto na esfera da política, o exercício da liberdade, da racionalidade e da autonomia individual, princípios extremamente relevantes para os modernos.

A escolha, portanto, é um dos principais vetores culturais que moldam a individualidade moderna (ILLOUZ, 2012). Entender as motivações e como as pessoas escolhem entrar – ou não – em um relacionamento amoroso pode contribuir substancialmente para o conhecimento do senso, ou seja, do sentido e significado do amor na modernidade. Assim, a sociologia de Illouz propõe que uma das principais transformações que o amor sofreu reside, justamente, nas condições pelas quais as escolhas românticas se realizam. As condições são de dois tipos, denominados, respectivamente, de ecologia da escolha e arquitetura da escolha. A primeira diz sobre a forma como o ambiente social pode compelir um indivíduo a realizar escolhas seguindo uma determinada direção, Illouz exemplifica seu conceito através das regras endogâmicas que mostram como as escolhas amorosas podem ser restringidas *dentro* e *por* um ambiente social. Destacando, ainda, que a revolução sexual modificou a ecologia da escolha porque possibilitou

---

<sup>34</sup> The “great transformation” of love is characterized by a number of factors: (1) the normative deregulation of the mode of evaluation of prospective partners – that is, its disentanglement from group and communal frameworks and the role of mass media in defining criteria of attractiveness and worth; (2) an increasing tendency to view one’s sexual and romantic partner simultaneously in psychological and sexual terms (with the former being ultimately subsumed under the latter); (3) and, finally, the emergence of sexual fields, the fact that sexuality as such plays an increasingly important role in the competition between actors on the marriage Market (ILLOUZ, 2012, p. 41)

<sup>35</sup> O primeiro capítulo “O contexto histórico e sociológico da segunda metade do século XX: o modo de produção capitalista e a nova etapa do processo civilizatório humano” situa-se nas páginas de 1 a 10.

o declínio de uma quantidade considerável de restrições à escolha de um parceiro e promovendo, por conseqüência, uma maior opção de pessoas possíveis de serem elegíveis para o amor.

A arquitetura da escolha, por outro lado, relaciona-se com os mecanismos internos aos sujeitos e que são modelados pela cultura. Trata-se, segundo Illouz (2012) dos critérios com os quais se avalia um objeto ou parceiro romântico, que consistem em “vários processos cognitivos e emocionais e, especificamente, nas maneiras pelas quais as formas racionais e emocionais de pensamento são valorizadas, concebidas e monitoradas durante uma decisão”. Seis são os componentes culturais que caracterizam a arquitetura da escolha. O primeiro diz sobre toda escolha incluir o pensamento sobre as conseqüências das decisões de alguém, as conseqüências que o aumento de divórcios pode acarretar para as decisões românticas é o exemplo utilizado por Illouz, para quem:

É provável que o aumento da taxa de divórcio tenha introduzido uma nova percepção das conseqüências do casamento na decisão de se casar. A aversão ao risco e a antecipação do arrependimento podem, por sua vez, tornar-se características culturalmente importantes de algumas decisões (por exemplo, casamento), transformando assim o processo de escolha (ILLOUZ, 2012, p.20, tradução nossa)<sup>36</sup>

O segundo componente cultural aborda os processos mediante os quais as pessoas efetuam – ou não – consultas para tomar decisões, por exemplo, se se consultam especialistas, padres, psicólogos ou advogados, para a tomada de uma decisão, o que exatamente é possível de ser esclarecido por essas “autoridades” nesse processo? O terceiro componente questiona quais são os modos de auto-consulta utilizados na hora da tomada de uma decisão, enfatizando que eles variam cultural e historicamente, Illouz exemplifica afirmando que “cada vez mais homens e mulheres se interessam por suas emoções, usando modelos da psicologia para entender os motivos delas”; O quarto componente cultural baseia-se na possibilidade da existência de normas e técnicas culturais utilizadas para estimular ou conter desejos e vontades; O quinto componente parte da indagação de quais são os motivos socialmente aceitos para a

---

<sup>36</sup> *For example, the increased rate of divorce is likely to have introduced a new perception of the consequences of marriage in the decision to marry. Aversion of risk and anticipation of regret can in turn become culturally salient features of some decisions (e.g., marriage), thereby transforming the process of choice (ILLOUZ, 2012, p. 20)*

tomada de decisões – o modelo racional ou o modelo emocional – de avaliação do mundo se adéqua melhor a uma determinada escolha? E, finalmente, o sexto componente apresenta o seguinte questionamento: a escolha como tal é valorizada por si mesma?

A partir desses dois conceitos de Illouz, podemos enxergar a existência, em cada época histórica, de estilos emocionais diversos. Se, como destacado anteriormente, no século XIX, as relações afetivas eram marcadas pelo compromisso, exclusividade e culpa dos parceiros, podemos dizer que isso muda radicalmente com o século XX e XXI, período caracterizado pela revolução sexual e pelos movimentos feministas e, também, da juventude, desde os anos 60, que libertaram os sujeitos dos condicionamentos impostos – durante a escolha amorosa – por classes, idades e gêneros diferentes, dissociando os seres de quaisquer compromissos recíprocos com a coletividade ou o próprio objeto de desejo romântico.

Os indivíduos – impulsionados pela cultura do consumo e pela subjetividade livre – encontram-se em constante movimento e fluidez, buscando múltiplas relações (amorosas, sensuais e sexuais) que permitam o acesso ao conhecimento dos diversos “eu’s” que constituem e compõem a psique de cada um deles. Além disso, existe a tendência da “acumulação simultânea de relações” (ILLOUZ, 2014) que coloca a eleição de um único parceiro romântico como um problema, dada a quantidade infinita de possibilidades amorosas, advindas da dilatação da ecologia da escolha, o que faz com que os indivíduos, “na tentativa de reconciliar todos os seus desejos para maximizar suas possibilidades”, deixem de escolher um parceiro fixo ou cônjuge (ILLOUZ, 2014).

Atrelado a isso, soma-se a potência das novas tecnologias – smartphones, internet, redes sociais – que aumentam exponencialmente a oferta de pessoas e encontros românticos e eróticos, estimulando, segundo Illouz (2014) uma dilatação da imaginação dos atributos do outro, o que, para a autora, acarreta em um desapontamento, por parte dos indivíduos, quando estes percebem que não ocorre a transposição de seus ideais na realidade prática e cotidiana das relações, bem como em uma racionalização da imaginação por essas tecnologias de informação.

O filósofo radicalizado na Alemanha, Byung Chul-Han, em seu livro intitulado *El agonia del Eros* afirma que não são, propriamente, a racionalização do amor e as tecnologias que ajudam na ampliação da possibilidade de escolha de um parceiro, os únicos fatores responsáveis pelo declínio de Eros. Para ele, a crise do amor está atrelada não apenas ao excesso de oferta de *outros*, mas, fundamentalmente, à erosão da própria categoria do ser *outro*. Este processo estaria intimamente relacionado com o “inferno do igual, com o qual a sociedade atual

se assemelha cada vez mais, em que não há nenhuma experiência erótica” (HAN, 2014, p.10). Resgatando a noção de *atopia* – presente nos *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes – e entendida enquanto a negatividade do ser amado, aquilo que o torna inclassificável, de uma originalidade sempre imprevisível (1981, p.25), Han afirma que a cultura hodierna, fortemente embasada no consumo, ocasiona a supressão da negatividade dos indivíduos, minando a presença da *atopia* e, assim, nivelando e igualando todos com todos. O efeito disso seria o fim da alteridade atópica e a cristalização da simples diferença, interpretada pelo filósofo como mera positividade – que reforça o inferno do igual e dissolve o amor.

O sofrimento amoroso aparece, neste cenário, de inúmeras maneiras: beijando diversos “sapos” na tentativa de encontrar o príncipe encantado e voltando sozinho de encontros em bares, restaurantes e festas, são alguns exemplos resgatados por Illouz. A autora enfatiza, também, que até mesmo quando as pessoas estabelecem-se em um relacionamento sério, existe uma insegurança e angústia permanentes, que se referem ao medo da substituição ou abandono do parceiro. O amor, na modernidade, se encontra envolto por contradições e ambivalências. Se, por um lado, a máxima liberdade individual e sexual dos indivíduos, atrelada ao afastamento dos vínculos de pertença com o coletivo estabelecem a capacidade objetiva e a possibilidade subjetiva de homens e mulheres buscarem o amor através dos mais diversificados meios, isentando-os de ter de efetuar sacrifícios e renúncias constantes em prol de um romance muitas vezes idealizado, mas não consumado ou, no outro extremo, em prol de um romance forjado pelos determinantes de classe e gênero, por outro lado, isso acarreta uma profunda e angustiante incerteza, insegurança e impotência diante dos riscos contemporâneos intrínsecos ao amar.

#### 4.3 O ETHOS TERAPÊUTICO E A POPULARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS PSI

As desventuras amorosas estão por toda parte. Livros, novelas, revistas, filmes e jornais apresentam histórias que demonstram como encontrar o par ideal é, no mínimo, uma empreitada problemática. Apesar da amplitude e do caráter coletivo das experiências negativas que enlaçam a vida afetiva moderna, a cultura ocidental, segundo Illouz (2012) codifica tais sofrimentos como resultantes de psiques imaturas.

Tal atitude estaria fortemente relacionada com a institucionalização de um ethos terapêutico no interior das sociedades ocidentais. Se, por um lado, as ciências psicológicas – filhas da filosofia e da modernidade – junto à psicanálise de Sigmund Freud, visavam contribuir com a compreensão, por parte dos seres humanos, de que a vida jamais poderia ser plenamente

feliz, uma vez que, no interior da sociedade, o eu está destinado a permanentemente fazer contas entre o prazer e a norma, sendo tarefa destas ciências o fortalecimento do eu mediante a inevitabilidade dos sofrimentos na cultura, por outro lado, a partir do final da segunda guerra mundial, principalmente durante as décadas de 1950 e 1960, a cultura norte-americana absorve alguns dos princípios da disciplina psicanalítica – como, por exemplo, o lapsus linguae que aponta para o papel do inconsciente na determinação do nosso destino; a centralidade dos sonhos na vida psíquica; o caráter sexual da maioria de nossos desejos e a família como a origem de nossa psique e causa última de suas patologias (ILLOUZ, 2007) – os reconfigurando e inserindo-os na psicologia popular de autoajuda, e em diversos segmentos da cultura, gerando novos remédios e terapias para os sujeitos.

Compreendemos, tal qual Illouz (2007), que no cenário norte-americano, a psicanálise e a ampla variedade de teorias psicológicas tiveram por objetivo principal a reconfiguração da vida emocional dos indivíduos através da formulação de um novo estilo emocional – terapêutico – caracterizado por harmonizar uma diversidade de técnicas lingüísticas, científicas e epistêmicas – que facilitavam o manejo das emoções.

Ao explicar que o termo “terapêutico” designa um conjunto de objetos ecléticos que incluem práticas de “cura pela fala”, livros comerciais de autoajuda produzidos para o desenvolvimento de habilidades e competências emocionais, grupos de apoio, programas de assertividade e reality shows que se ocupam com o aconselhamento terapêutico, Illouz (2008) expõe a existência de um novo vocabulário difundido culturalmente que é capaz de ajudar a discutir, conceituar e traduzir as emoções e sentimentos, construindo uma poderosa narrativa capaz de administrar e controlar as emoções indesejadas, as identidades não autênticas e as biografias perturbadas, bem como as psiques individuais. Resultando na criação de técnicas práticas para que os indivíduos possam lidar melhor com os diversos problemas que possam surgir no decurso de suas vidas.

Podemos dizer, então, que esse campo especializado de saberes (psicologia clínica, experimental, social, psicanálise, psicologia popular de autoajuda) tornou-se um conjunto de práticas culturais presentes tanto na produção científica quanto no âmbito da cultura popular e da cultura de elite (ILLOUZ, 2007). O que apenas foi possível de se concretizar mediante a afirmação da necessidade dos psicólogos inserirem-se nas mais diversas áreas de atuação. A linguagem terapêutica:

Na medida em que transcorria o século XX, assumiu de maneira progressiva a vocação de guiar aos demais no que diz respeito a uma série de problemas, nos campos da educação, conduta criminal, matrimônio, programas de reabilitação carcerária, sexualidade, conflitos políticos e raciais,

comportamento econômico e moral dos soldados e empresas (ILLOUZ, 2007, p.32, tradução nossa)<sup>37</sup>

O discurso terapêutico passou a ser uma das mais importantes categorias explicativas da construção cultural da individualidade contemporânea. É interessante destacarmos que a consolidação de tal discurso se deu, fundamentalmente, a partir dos anos 60, década que caracterizou o início de um processo de despolitização da arena cultural, porque temas como a sexualidade, autodesenvolvimento e o reconhecimento da vida essencialmente privada, transformaram-se no pilar central de práticas e discursos públicos, afastando as antigas categorias políticas organizativas da realidade social e passando a voltar à atenção coletiva ao bem-estar pessoal e a temas particulares, como as relações pessoais e a identidade. De modo que:

A expansão do mercado de consumo, aliado à revolução sexual, ajudou a aumentar a visibilidade e a autoridade dos psicólogos, porque essas duas persuasões culturais e ideológicas - consumismo e liberação sexual - transformaram o eu, a sexualidade e a vida privada em lugares cruciais de identidade. No contexto do desaparecimento de grandes ideologias políticas e da crescente legitimidade e visibilidade cultural de temas como sexualidade e relacionamentos íntimos, os psicólogos eram os candidatos naturais para fornecer orientações muito necessárias sobre temas como sexualidade e intimidade, sobre quais os pais ou os amigos tinham pouco para contribuir. (ILLOUZ, 2008 p.161-162)<sup>38</sup>

Destacamos que quando os indivíduos se encontraram desvinculados – de valores substanciais e de ideais culturais compartilhados – eles se retraíram dentro de suas próprias interioridades, desprovidas de um senso capaz de dotar de sentido e significado a totalidade social. Illouz é enfática ao afirmar que “a persuasão terapêutica nos fez abandonar os grandes domínios da cidadania e da política” (ILLOUZ, 2008, p.2) desnudando o “eu” da comunidade e transmutando os interesses e conteúdos políticos por um apego egocentrado e narcísico. Como nos alerta a professora de psicologia da Universidade Estadual de San Diego, Jean Marie Twenge (2013), o narcisismo está por toda a parte, sendo possível encontrarmos esse tipo de

---

<sup>37</sup>*En la medida que transcurría el siglo xx, asumieron de manera progresiva la vocación de guiar a los demás en lo relativo a una serie de problemas, en los campos de la educación, la conducta criminal, el testimonio legal experto, el matrimonio, los programas de rehabilitación carcelaria, la sexualidad, los conflictos políticos y raciales, el comportamiento económico y la moral de los soldados. (ILLOUZ, 2007, p. 32)*

<sup>38</sup>*The maturation and expansion of the consumer market, allied with the sexual revolution, helped increase the visibility and authority of psychologists because these two cultural and ideological persuasions—consumerism and sexual liberation—both made the self, sexuality, and private life into crucial sites of identity. In the context of the demise of grand political ideologies and of the increasing legitimacy and cultural visibility of such topics as sexuality and intimate relationships, psychologists were the natural candidates to provide much-needed guidance on topics such as sexuality or intimacy, about which parents or friends had little to contribute (ILLOUZ, 2008, p.161-162)*

mentalidade e comportamento na televisão, on-line ou em interações da vida real com amigos, familiares e colegas de trabalho, o que o classifica, na contemporaneidade, como uma epidemia cultural frente a qual devemos nos atentar.

É precisamente neste cenário que a linguagem psicológica entra no mercado, convertendo o bem-estar e a saúde mental em invisíveis e poderosos produtos (ILLOUZ, 2014), colocando o enfoque terapêutico aos problemas cotidianos da vida (familiar, emotiva, laborativa) a um nível elevado de legitimidade cultural, de modo que:

O processo que fez da psicologia um produto pode ser pensado em três etapas: 1. Converteu-se em um serviço vendido a indivíduos ou organizações como escolas ou empresas: as consultas terapêuticas se tornaram produtos adquiridos para conseguir bem-estar ou uma maior produtividade. 2. Deslocou-se no campo da cultura popular, passou a ser consumida como cultura de autoajuda, literatura de conselhos e, 3. A psicologia também se converteu em parte da indústria de marketing e publicidade. (ILLOUZ, 2014, p. 41-42, tradução nossa)<sup>39</sup>

Ao afirmar que as ciências psicológicas aparecem como uma mina de ouro para as indústrias de produção de bens de consumo, Illouz (2007) estabelece que este conjunto de ciências, envolto por sua áurea de cientificidade, fornece soluções individualizadas para problemas coletivos, adotando uma linguagem genérica capaz de se adaptar a cada uma das particularidades subjacentes aos mais diversos indivíduos. E, ainda, ofertando saídas para uma enorme quantidade de problemas. Com relação ao sofrimento amoroso, é possível observamos a existência, hoje, de uma vasta quantidade de especialistas, como, por exemplo, terapeutas de casais, conselheiros psicológicos, workshops, manuais de autoajuda e advogados de divórcio que, cada qual a seu modo, promete socorro aos indivíduos que, por responsabilidade própria, fracassaram no amor ou na conquista romântica.

Podemos dizer, a partir dessa exposição, que, desde a segunda metade do século XX, quando a psicanálise e as ciências psicológicas ingressam nos Estados Unidos da América, temos a retirada de um possível viés crítico dessas disciplinas, e uma intensa reificação das mesmas, que passam a agir visando apenas à retirada instantânea da dor – emocional, psíquica e física – dos indivíduos, sem resolver efetivamente os problemas que assolam os seres

---

<sup>39</sup> *El proceso por el cual la psicología se convirtió en un producto puede pensarse en tres etapas sucesivas: primero se convirtió en un servicio vendido a individuos u organizaciones como escuelas o empresas – las consultas terapéuticas se convirtieron en un producto adquirido para conseguir bienestar o una mayor productividad –; después se desplazó al ámbito de la cultura popular, en el que pasó a ser consumida como cultura de autoayuda, en la literatura de consejos o en talleres, y, finalmente, la psicología también se convirtió en parte de la industria del marketing y la publicidad, donde contribuyó a mejorar el control de esa nueva entidad llamada consumidor (ILLOUZ, 2014, p. 41-42)*

fragmentados, atomizados e desorientados. Assim, concentramo-nos em afirmar que toda ciência pode, por um lado, servir para o desencantamento do mundo, ajudando a revelá-lo e a torná-lo compreensível, da mesma maneira que pode, por outro lado, produzir novos encantamentos para os quais devemos sempre nos atentar. Nesse sentido, o entendimento de que a consolidação do ethos terapêutico – enquanto um discurso hegemônico na sociedade hodierna – se deu a partir da sua estreita relação do mercado de consumo com os valores culturais, econômicos e políticos hegemônicos, nos leva para outro importante objeto de estudo presente nas obras de Illouz: a felicidade.

#### 4.4. O IMPERATIVO CONTEMPORÂNEO: SEJA FELIZ!

No segundo livro de sua obra intitulada *Memoráveis*, Xenofonte, discípulo do filósofo grego Sócrates, reproduz uma passagem em que seu mestre elucida o problema de Hércules, um jovem que, passando pela fase final da infância e adentrando na juventude, encontrava-se reflexivo acerca de qual caminho deveria seguir para orientar sua vida, aquele que se pautava na virtuosidade ou aquele que residia no vício, quando é surpreendido pela presença de duas mulheres distintas, possuindo, a primeira, um aspecto “digno que se via ser de natureza livre, com o corpo singelamente ornamentado, os alhos castos, e a outra mais bem nutrida de carnes, tinha um aspecto mole, maquiada e de aparência mais sólida do que realmente era” (XENOFONTE, 2010, p.123).

Se, por um lado, a primeira mulher resgata a importância das heranças sociais vinculativas entre Hércules e seus pais bem como lhe diz que “de quantas coisas boas e belas existem, nenhuma deram os deuses ao homem sem dor e sem cuidado” (XENOFONTES, 2010, p.124) estabelecendo ser necessário, portanto, efetuar renúncias e sacrifícios pessoais em nome do coletivo para que se pudesse ser reconhecido entre os demais, a segunda mulher, por outro lado, ao aproximar-se, oferta ao jovem rapaz uma série de prazeres instantâneos, prometendo conduzi-lo pelo caminho mais “agradável e fácil” (XENOFONTES, 2010, p.124), e afirmando que seria possível tudo experimentar de maneira isenta de dificuldades e sofrimentos. Após ouvir tais palavras, Hércules questiona qual o nome de tal figura, e ela assim o responde: “os meus amigos e aqueles que gostam de mim chamam-me Felicidade, e os que me odeiam, para me denegrir, maldosamente dão-me o nome de Vício” (XENOFONTE, 2010, p.124). Essa passagem revela sua importância ao abordar a questão da felicidade.

Durante todas as etapas do processo civilizatório humano a felicidade fora uma aspiração comum e coletivamente compartilhada pelos grupos, a ética grega, por exemplo, possuía como objetivo final “a realização de um estado de felicidade” (BODEI; PIZZOLATO, 2000) que apenas poderia ser consolidado mediante a realização, por parte dos homens, de sua plena natureza. Nos últimos decênios, entretanto, a palavra felicidade tornou-se onipresente, exercendo grande influência sobre a imaginação cultural dos indivíduos. Acerca do imperativo de felicidade nas sociedades contemporâneas, Eva Illouz destaca que:

A felicidade está em toda parte. Televisão, rádio, livros e revistas, clubes de ginástica, fórmulas e conselhos dietéticos, hospital, trabalho, campos de guerra, escolas, universidade, em tecnologia, na web, em campos esportivos, em casa, na política e, é claro, nas prateleiras das lojas (...) tanto que é muito raro passarmos um dia sem ouvi-la (ILLOUZ; CABANAS, 2019, p.12, tradução nossa)<sup>40</sup>

O raio de alcance da felicidade sofreu uma expansão a partir do final do século XX e início do século XXI, com a consolidação da psicologia positiva, ciência que surge com o propósito de encontrar um novo paradigma psicológico capaz de iluminar a natureza humana, rejuvenescendo as teorias psicológicas até então existentes (ILLOUZ; CABANAS, 2019). O pai fundador da “ciência da felicidade” fora Martin Seligman que, ao ter uma “iluminação” – quando estava no jardim de sua casa com sua filha de cinco anos – percebeu que as ciências psicológicas desenvolvidas até então estavam equivocadas por concentrarem-se apenas em traços negativos dos indivíduos, ao invés de buscarem potencializar os traços positivos que elevariam os sujeitos ao seu máximo desenvolvimento e realização.

Recusando todos os possíveis rótulos que a sua ciência poderia obter – psicologia comportamental, cognitivista, humanista, social – Seligman intenta inaugurar um campo científico totalmente novo, trazendo a concepção de que para um indivíduo obter uma vida feliz, bastava ele olhar para dentro de si próprio. O discurso do apóstolo da felicidade<sup>41</sup>, que em 1998 tornou-se presidente da American Psychological Association (APA), atraiu diversos investimentos de instituições públicas e privadas, como por exemplo, a fundação John Templeton – instituição religiosa conservadora elogiada por Seligman em uma de suas conferências – que ofereceu ao psicólogo, no ano de 2001, mais de dois milhões de dólares que

---

<sup>40</sup> *La felicidad está en todas partes: en latelevisión y en la radio, en los libros y en las revistas, en el gimnasio, en los consejos dietéticos, en el hospital, en el trabajo, en el ejército, en las escuelas, en la universidad, en la tecnología, en la red, en el deporte, en casa, en la política y, por supuesto, en las estanterías del supermercado* (ILLOUZ, CABANAS, 2019, p.12)

<sup>41</sup> Referimo-nos a Martin Seligman e a sua “missão” de criar um novo campo das ciências psicológicas, comparando-o com um apóstolo.

deveriam ser utilizados na construção de um Centro de Psicologia Positiva, ou a Fundação Robert Wood Johnson que pagou a Seligman 3,7 milhões de dólares, em 2008, para que suas equipes investigassem os sentimentos positivos e, ainda, Multinacionais como a Coca-Cola passaram a fazer parte do grupo de apoiadores desta nova ciência a fim de que ela pudesse ajudar a encontrar formas mais eficazes de aumentar a produtividade, reduzir o estresse, aumentar a produtividade e incentivar o trabalhador na cultura corporativa (ILLOUZ, CABANAS, 2019). Em um intervalo temporal que vai de 1998 a 2002, a psicologia positiva contava com financiamento de mais de 37 milhões de dólares.

Essa adesão, por parte de diversos setores econômicos da sociedade, a psicologia positiva facilitou o desenvolvimento do escopo da pesquisa acadêmica sobre a felicidade e seus temas subjacentes, como, por exemplo, a noção de bem-estar subjetivo, força de caráter, emoções positivas, autenticidade, realização pessoal e resiliência. No livro intitulado: *Positive Psychology, Positive Prevention and Positive Therapy* (2002), Seligman destaca que a psicologia, após a segunda grande guerra mundial, voltou-se amplamente para a cura, na tentativa de reparar os aspectos patológicos possíveis de serem encontrados nas vidas dos sujeitos, utilizando, para isso, um modelo teórico que apontava para diversas doenças contidas no interior do funcionamento humano, de modo que a ênfase atribuída à patologia minou a possibilidade dos indivíduos sentirem-se satisfeitos e realizados. Assim, estabelece que:

O objetivo da psicologia positiva é catalisar uma mudança na psicologia passando de uma preocupação voltada apenas para reparar nas piores coisas da vida para uma abordagem que visa construir as melhores qualidades da vida. Para corrigir o desequilíbrio anterior, devemos levar a construção de força à vanguarda no tratamento e prevenção de doenças mentais. O campo da psicologia positiva no nível subjetivo é sobre a experiência subjetiva positiva: bem-estar e satisfação (passado); fluxo, alegria, prazeres sexuais e felicidade (presente); e cognições construtivas sobre o futuro - otimismo, esperança e fé. No nível individual, trata-se de traços pessoais positivos - capacidade de amor e vocação, coragem, habilidade interpessoal, sensibilidade estética, perseverança, perdão, originalidade, mentalidade futura, alto talento e sabedoria. No nível do grupo, trata-se das virtudes cívicas e das instituições que levam os indivíduos a uma melhor cidadania: responsabilidade, cuidado, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e ética no trabalho (SELIGMAN, 2002, p. 3)

O que conflui com o primeiro manual de psicologia positiva (2002) que postula que, ao invés de estudar as patologias, fraquezas, danos e sofrimento presentes nos indivíduos e em suas psiques defeituosas, as ciências psicológicas deveriam concentrar-se nas forças e virtudes dos sujeitos, objetivando desenvolver aquilo que há de melhor em cada um dos seres humanos. A essa proposição, Seligman ressalta a necessidade de que todos – indistintamente – possam

aprender a desenvolver as qualidades necessárias para que não apenas se suporte a vida, mas para que todos possam florescer (SELIGMAN, 2002).

Em 2004, Seligman e Christopher Peterson, estimulados pelos diversos questionamentos direcionados para a psicologia positiva – por exemplo, como viver uma vida feliz apesar das dificuldades? Qual a relação entre saúde e felicidade? Qual a relação entre felicidade e produtividade? A ciência pode descobrir como promover a plena realização pessoal? – publicam o livro *Character strenghts and virtues*, um “manual de saúde mental” que visava recuperar o estudo do caráter e das virtudes humanas compreendendo-os como dois importantes e legítimos conceitos para a psicologia e para a saúde mental positiva. É interessante ilustrarmos que a segunda sessão do livro volta-se para a classificação de seis grandes virtudes fundamentais, subdivididas em diversas outras virtudes complementares que, ao serem acionadas, possibilitam ao indivíduo encontrar a felicidade, assim como a não ativação de tais virtudes pode levar, tendencialmente, a uma vida infeliz. São elas:

**Tabela 1: As virtudes humanas de acordo com a Psicologia positiva**

VIRTUDE:	Subdivida em:
SABEDORIA E CONHECIMENTO	Criatividade; curiosidade; pensamento crítico; amor ao conhecimento e perspectiva.
CORAGEM	Bravura; persistência; integridade e vitalidade.
HUMANIDADE	Amor; gentileza; inteligência social ou inteligência emocional.
JUSTIÇA	Responsabilidade social; equidade e liderança.
TEMPERANÇA	Perdão e misericórdia; humildade e modéstia, prudência e autocontrole.
TRANSCENDENCIA	Gratidão; esperança ou otimismo; humor e espiritualidade

Fonte: PETERSON; SELIGMAN. *Character strenghts and virtues: a handbook and classification*, New York: Oxford University Press, 2004.

Destacamos tais virtudes e suas conseqüentes subdivisões com a finalidade de ilustrar, tal qual Illouz e Cabanas (2019), que o grande êxito da psicologia positiva – bem como a rápida e difusa propagação da importância da noção de felicidade nas escolas, instituições de saúde, instituições governamentais e universidades – está relacionado com propósitos ideológicos. Os fundadores da psicologia positiva foram extremamente habilidosos ao apresentar hipóteses culturais e ideológicas sobre o eu como fatos concretos e cientificamente comprovados. Fora essa estratégia que permitiu a psicologia positiva inserir e institucionalizar a felicidade na esfera da política, da economia e da cultura tão rapidamente.

No que tange à esfera política, destacamos que, após a crise econômica de 2008, diversos países – aconselhados por psicólogos da felicidade e economistas entusiastas das ideias propostas pela psicologia positiva – passaram a adotar a mensuração do nível de bem-estar subjetivo como indicador social. Tal critério, “mais doce e mais subjetivo do que o duro e objetivo progresso econômico e social, subitamente pareceu tornar a sociedade muito mais inclusiva” (ILLOUZ; CABANAS, 2018, p. 56) e isso porque, se as pessoas dissessem estar felizes, questões como igualdade e justiça social não deveriam ser preocupações governamentais.

Illouz e Cabanas (2019) evidenciam que o Chile foi um dos primeiros países a adotar tal forma de mensurar como a população estava se sentindo, seguido pelo Reino Unido de David Cameron e a França de Sarkozy. No ano de 2002 a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu o dia 20 de março como o dia internacional da felicidade, afirmando que felicidade e bem-estar são objetivos universais em todo o mundo. Os autores de *Happycracia* constantam, ainda, que a Organização para cooperação e desenvolvimento econômico (OCDE) defende políticas econômicas e coordena estudos estatísticos, em mais de trinta Nações ricas, adotando instrumentos próprios para a medição da felicidade dos povos. A instituição recomenda, também, que os institutos nacionais de pesquisa estatísticas adotem índices de quantificação do bem-estar psíquico nos mais diversos países, a fim de, primeiramente, monitorar e avaliar o desempenho dos países com relação à felicidade e, posteriormente, elaborar políticas públicas – sobre planejamento urbano, combate ao desemprego e financiamento público, por exemplo – a partir da coleta e análise de tais índices.

A psicologia positiva também fez com que diversos atores sociais se beneficiassem do sucesso e rápida expansão de seu campo de pesquisa. Escritores de livros de aconselhamento e autoajuda, coachs, palestrantes motivacionais, especialistas em gestão e diversos consultores de desenvolvimento pessoal enxergaram, na psicologia positiva, um vocabulário de fácil acesso para comprovar e atestar a cientificidade de suas técnicas, demonstrando a existência de uma estreita relação entre os pensamentos positivos, as emoções positivas, o desenvolvimento pessoal e o sucesso profissional. Se, por um lado, no início do desenvolvimento de seu escopo teórico a psicologia positiva recebeu diversas críticas que contestavam a veracidade científica de seus conceitos e categorias, vinte anos mais tarde, por outro lado, essa forma positiva de pensar o ser humano se difundiu para prateleiras de livrarias, seções de estilo de autoajuda, revistas de ciência popular e entrando, inclusive, no campo da psicoterapia clínica.

Devemos ressaltar, no entanto, que foram os profissionais de desenvolvimento pessoal aqueles que mais se favoreceram das prescrições colocadas por essa nova fórmula psicológica.

Illouz e Cabanas (2018) compreendem que, a partir de tal contexto, a noção de felicidade deixa de ser um objetivo secundário ou um mero slogan publicitário que aparece junto a outros produtos visando atrair compradores com a promessa efêmera de prazeres. Segundo os autores:

A felicidade se converteu, ela mesma, no produto fetiche de uma indústria mundial e multibilionária que gira ao redor da oferta e demanda de um amplo catálogo de mercadorias emocionais, isto é, serviços, terapias e produtos manufaturados e consumidos como técnicas científicas para a gestão dos afetos com o fim de efetuar certo tipo de transformação psicológica e pessoal. Estas mercadorias são vendidas e consumidas sob a suposição de que a felicidade pessoal é o ativo mais importante em que uma pessoa pode investir seu tempo e seu dinheiro, assumindo que as pessoas felizes não apenas são mais saudáveis, completas, adaptadas e produtivas, mas também e, fundamentalmente, melhores cidadãos (ILLOUZ; CABANAS, 2019, p. 122)<sup>42</sup>

Os autores argumentam que a felicidade se tornou um dos principais produtos do capitalismo no século XXI porque as mercadorias emocionais converteram a felicidade em “um estilo de vida, uma mentalidade e em um tipo de personalidade que define em termos psicológicos o ideal neoliberal de cidadão contemporâneo”(ILLOUZ, CABANAS, 2019, p.123). Nesta inaudita forma de construção cultural da individualidade, baseada em um ‘eu’ que é essencialmente consumista e visa maximizar a si mesmo para vencer concorrências e competições nos mais diversos campos, como por exemplo, no campo das relações afetivas, observamos a corrosão do comum, do coletivo e, no limite, do político. Portanto, temos o declínio da categoria de cidadão em sua forma política, uma vez que, ao não se encontrar entrelaçado ao destino comum da pátria, o sujeito contemporâneo concentra-se em um ideal de vida autocentrado e voltado para a felicidade individual, sendo compreendido como um “psicidã”, ou seja, como alguém preocupado com suas questões individuais e psíquicas, apenas.

Nesse sentido os indivíduos deixaram de acreditar que a felicidade estava estreitamente ligada ao destino, às circunstâncias providenciais ou à ausência de tristeza (ILLOUZ, 2018), desvinculando-a de questões sociais, de justiça, classe e renda. A felicidade passa a ser compreendida como um tipo de personalidade possível de ser definida em termos psicológicos

---

<sup>42</sup>*La felicidad se ha convertido Ella misma em el producto fetiche de una industria mundial y multibillonaria que gira en torno a la oferta y la demanda de un amplio catálogo de mercancías emocionales; esto es, servicios, terapias y productos manufacturados y consumidos como técnicas científicas para la gestión de los afectos con el fin de efectuar un cierto tipo de transformación psicológica y personal. Como antes señalábamos, dichas mercancías se venden y consumen bajo el supuesto de que la felicidad personal es el activo más importante e nel que uno puede invertir su tiempo y su dinero, asumiendo que las personas felices no solo son más saludables, completas, adaptadas y más productivas y exitosas, sino también y más fundamentalmente, mejores ciudadanos (ILLOUZ; CABANAS, 2019, p. 122).*

e fortemente determinada pelo mercado, caracterizando uma forma de pensar, agir, sentir e atuar que se articula sobre algumas categorias psicológicas principais, como, por exemplo, as noções de coragem, justiça e humanidade, destacadas na tabela anteriormente exposta, e outras como as de autogestão emocional, florescimento pessoal e autenticidade que, em sua totalidade, afirmam que os condicionamentos para uma vida feliz não são dados pelo social, mas sim por questões meramente psicológicas.

Para ilustrar a maneira pela qual os valores da psicologia positiva passam a constituir os repertórios culturais na contemporaneidade, apresentamos algumas imagens postadas em uma rede social, o facebook, pelo Instituto brasileiro de Coaching (IBC).

A página, que descreve sua missão como sendo a de: *“Despertar nas Pessoas seu potencial infinito. Desenvolver seus recursos emocionais, suas habilidades e capacidades comportamentais através do Coaching de maneira que estes possam obter resultados extraordinários na vida pessoal e profissional”*, conta com mais de 1.362.130 seguidores e as duas imagens selecionadas estão entre aquelas que, entre o período de janeiro a agosto do ano de dois mil e dezenove, obtiveram maior número de reações – ou seja, de curtidas, comentários e compartilhamentos- por parte do público.

**Figura 2. Até que enfim alguém veio me ajudar!**



**Fonte: Página do Instituto brasileiro de Coaching no Facebook, 2019.**

A imagem é composta por dois quadros. O primeiro ilustra uma pessoa submersa em um oceano, onde apenas se pode ver a aproximação entre dois braços e os dizeres “até que enfim alguém veio me salvar”, no segundo quadro, revela-se que aqueles dois braços são da menina que estava se afogando, e tem os dizeres “ah, é. Sou eu”. A linguagem simples e as frases curtas facilitam o entendimento da mensagem: a salvação pessoal é um ato individual. No século XX, quando os indivíduos passaram por um intenso processo de atomização e fragmentação social, sendo estimulados a um hiperindividualismo extremo e rompendo com os vínculos coletivos primários e secundários, eles se encontram desvinculados das questões geracionais, vivem no tempo presente e buscam maneiras de ajudar a si mesmos a serem felizes ou a resolverem seus problemas. A imagem ilustra uma nova narrativa na qual o eu é quem ajuda a si próprio na construção de sua felicidade.

### Imagem 3: Mudar para melhorar.



Fonte: Página do Instituto brasileiro de Coaching no Facebook, 2019.

A imagem ilustra uma mulher –com expressão de confiança e assertividade – saindo de sua própria “carcaça”, após ter decidido “mudar para melhorar e não para se encaixar” nos padrões sociais ou coletivos. É interessante destacarmos que o fundo da imagem apresenta duas cores, a primeira é azul, uma cor fria, atrelada às paixões tristes, como a infelicidade, e essa parte da imagem e cor representam o “velho eu” da personagem ilustrada, com uma expressão

de tristeza e insatisfação, já a segunda cor é amarela, uma cor associada às paixões quentes, como o amor ou a felicidade. É possível observamos a existência – na parte amarela- de luzes radiantes que iluminam a personagem que acabara de decidir reinventar a si própria. A psicologia positiva defende que os indivíduos devam apresentar-se frente a si mesmos e aos outros de forma genuína, sendo extremamente cautelosos com relação aos seus sentimentos e atitudes, que devem ser sempre autênticos, o que explica a imagem enfatizar que a mudança deve ocorrer através *do e pelo* indivíduo, somente.

A ênfase atribuída à noção de felicidade – essa noção individual, particular, voltada para a interioridade e psique dos indivíduos – enquanto um tipo de personalidade que define e propaga os ideais neoliberais – está baseada na noção de que o indivíduo livre e autônomo não deve estar pré-condicionado a nenhuma força alheia ao eu, ele deve ser o soberano de si, responsável por seu autocrescimento pessoal, através de escolhas racionais voltadas para maximizar os desejos, vontades e interesses única e exclusivamente do indivíduo. Compreendemos que o emocional é, hoje, o núcleo sobre o qual gravita o ethos terapêutico do cuidado de si, característica distintiva das sociedades neoliberais. As emoções passam a ser consideradas como uma das principais fontes de saúde física e mental e, também, de adaptação social. O mau gerenciamento dessas emoções é entendido, ao contrário, como fonte de infelicidade, enxergado socialmente como um comportamento disfuncional relacionado com uma ampla variedade de transtornos.

#### 4.5. EMOÇÕES: UMA FÓRMULA DE SUCESSO PARA O NEOLIBERALISMO

Podemos entender a psicologia positiva, portanto, como uma redefinição das ciências psicológicas que, no final dos anos 2000, passou a produzir novos diagnósticos e terapias mais férteis e fecundos para os sujeitos, devido ao contexto social, político e econômico em que se insere, redefinindo o ideal de ciência “psi” a fim de contribuir para que o indivíduo, e não mais a coletividade, pudesse potencializar a compreensão de si mesmo, descobrisse o seu verdadeiro eu, o eu autêntico (que em todas as antigas formações culturais era impedido de ser visto, sonhado e manifestado pelo sujeito devido às camadas sociais que obstacularizavam seu sucesso), potencializando a psique individual a fim de torná-la mais funcional e apta para o sucesso, que implica em processos contínuos de melhoramento de si vinculados a um postulado: a necessidade permanente de ser feliz.

O permanente melhoramento de si, como vimos, deixa de encontrar-se em experiências coletivas, projetos políticos ou diálogos entre familiares e passa, cada vez mais, a ser adquirido através do consumo de mercadorias emocionais. Nesse sentido, destacamos também que o sofrimento amoroso, entendido como consequência de psiques imaturas, busca socorro em um ethos terapêutico, movimentando, tal qual o ideal de felicidade contemporâneo, um vasto mercado de terapias, revistas, livros de autoajuda, filmes, programas televisivos e procedimentos estéticos.

Estabelecemos, a partir dessas constatações, que o ponto nevrálgico de nossa análise sobre a sociologia das emoções desenvolvida por Eva Illouz reside nonexo causal que a socióloga estabeleceu (ILLOUZ, 2018) entre emoções, cultura e capitalismo. Se, com relação ao amor, vimos que determinados repertório de emoções e sentimentos se tornam mais visíveis e disseminados culturalmente do que outros, é porque eles são moldados através de estruturas sociais objetivas, que condicionam a vida afetiva na modernidade. Quando deslocamos a ideia do amor para a de felicidade construída pela psicologia positiva, concluímos que, sob o pretexto de ser uma fórmula científica e, por isso, neutra de ideologias, essa noção oculta a construção e divulgação que recebeu de atores econômicos e políticos representantes das forças sociais hegemônicas.

Em seus livros sobre o amor, Illouz (2009; 2011; 2012) relaciona a experiência romântica hipermoderna com os modelos e repertórios culturais pregados por uma ascendente indústria do consumo e, em modo geral, evidencia quais foram às mudanças afetivas que emergiram em um contexto inaudito após a segunda guerra mundial, apontando, ainda, que a existência de um forte ethos terapêutico, nas sociedades ocidentais<sup>43</sup>, fez com que o amor – e todas as misérias humanas – fossem interpretados como experiências negativas condicionadas pela história psíquica dos indivíduos, apenas. Em *Happycracia cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas*, a autora enfatiza que a existência de um ideal de felicidade individual que, ao ser onipresente e impulsionado por atores sociais como psicólogos, políticos, economistas e o próprio mercado de consumo, acaba por penetrar profundamente na imaginação cultural dos seres humanos, fazendo com que eles voltem suas vidas para a realização pessoal. Nessa obra, entretanto, Illouz e Cabanas compreendem o neoliberalismo – enquanto uma nova forma de existência do capitalismo – como o principal responsável pelo espaço ocupado pelo imperativo da felicidade nas vidas individuais.

---

<sup>43</sup> Como destacado anteriormente, os estudos de Illouz debruçam-se sobre a sociedade norte-americana.

Dessa maneira, devemos ressaltar como Illouz compreende o neoliberalismo. Em primeiro lugar, trata-se da compreensão de que mais do que uma teoria econômica e um modo de produção, ele é um processo civilizatório, que estabelece: o aumento implacável do campo econômico para todas as esferas da sociedade<sup>44</sup>, ocasionando a primazia das forças econômicas sobre as forças políticas, de modo que a extensão implacável do campo econômico resultou no esvaziamento do homem público, da dimensão coletiva da vida, e o triunfo da liberdade que é essencialmente negativa, deflagrando uma linguagem, e uma imaginação cultural, particulares e privadas.

Destaca-se também, como segunda característica, o fato do neoliberalismo valorizar e impor a importância dos critérios tecno-científicos na construção dos processos decisórios nas esferas políticas e sociais, exemplificamos com a valorizada da figura do tecnocrata ou especialista, que demarca o declínio das tradicionais autoridades e a ascensão de uma busca e reconhecimento social por aqueles que ostentam uma verdade despolitizada, desprovida de quaisquer valores exceto o da validade científica, portanto, a ciência deixa de estar vinculada com projetos políticos e nacionais, produzindo processos decisórios em diversas áreas – política, econômica, cultural – através de critérios puramente lógicos e formais.

Illouz aponta, na terceira característica, para o reforço dos princípios utilitaristas da eficácia e maximização pessoal, em que podemos enfatizar a centralidade de uma racionalidade abstrata, instrumental, que determina e direciona escolhas nos mais diversos campos da vida humana, organizando a vida material e, inclusive, imaterial dos indivíduos. O arranjo societário neoliberal hodierno é marcado, também, por um agravamento exponencial das incertezas do mercado de trabalho – quarta característica –, o que significa um contexto de hipercompetitividade que demanda uma hiperprodutividade em escala inaudita, estabelecendo que o trabalhador deva ser sempre mais criativo, inventivo para que tenha maior desempenho e performance.

Essa grande instabilidade faz com que os sujeitos – em sua forma de atores de mercado – recorram a guias de autoajuda, treinadores de desenvolvimento pessoal porque enxergam que essas são pessoas capazes de produzir as certezas necessárias na totalidade social. A quinta característica do neoliberalismo aborda a permanente e crescente instabilidade econômica e a maior competitividade entre os mercados, enfatizando que o capitalismo globalizado é acompanhado pela desregulamentação política do mercado e da sociedade, fazendo com que a insegurança e incerta do mundo contemporâneo não atinjam somente aos indivíduos, mas

---

<sup>44</sup> Essa característica distintiva do neoliberalismo foi apresentada na introdução deste trabalho, através das contribuições da cientista política Wendy Brown (2015).

também a economia e a política. Os indivíduos experimentam, assim, o aumento dos riscos e a expansão dos processos de flexibilização da vida social.

É, também, uma característica distintiva do neoliberalismo a mercantilização crescente das dimensões simbólicas e imateriais da vida humana, portanto, das identidades, sentimentos e estilos de vida. A extensão implacável da economia em toda a sociedade acentua o poder das forças econômicas em tudo transformar em mercadorias. O capitalismo vitorioso conseguiu neutralizar e destruir todos os seus oponentes. Inclusive a família, a religião e as classes, sendo que o controle da dimensão simbólica e imaterial, por parte das forças de mercado, representa a nova fronteira que o capitalismo inaugurou. Quando a produção das mercadorias, sólidas e materiais, já estava saturada, o capitalismo produz uma nova geração de mercadorias imateriais.

A oitava característica se relaciona com a anterior e diz sobre a consolidação de um ethos terapêutico vinculado a ideia de saúde emocional como necessária para o desenvolvimento pessoal, para o progresso social e melhoramento das ações institucionais dos indivíduos. Nessa nova concepção de saúde não importa apenas que o corpo esteja sadio, mas também a mente e as emoções, o que está vinculado com a onipresença da felicidade, atualmente.

Segundo Illouz e Cabanas (2019) o neoliberalismo pode ser compreendido como uma filosofia social individualista, focalizada sobre o “eu” do indivíduo, que pode ser resumido pela suposição de Nicole Aschoff de que “somos todos atores independentes e autônomos que, unidos pelo livre mercado, construímos nosso próprio destino fazendo sociedade pelo caminho” (apud ILLOUZ; CABANAS, 2019, p.62). Nesse sentido apreendemos que o neoliberalismo reduziu todos os indivíduos a atores sociais independentes e sem vínculos substanciais com ninguém, seres fragmentados que se encontram na esfera do mercado que age como intermediário entre o indivíduo e toda a realidade social. Segundo Illouz e Cabanas os sujeitos sofrem um:

processo cultural de progressiva individualização e de psicologização geral que transforma profundamente, no senso das sociedades capitalistas avançadas, os mecanismos políticos e sociais de prestação de contas. Essa revolução, em efeito, permitiu traduzir os déficits estruturais, as contradições e os paradoxos próprios dessas sociedades a questões de caráter psicológico e individual. (ILLOUZ; CABANAS, 2019, p. 62, tradução nossa)<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup>*proceso cultural de progresiva individualización y de psicologización general que transformaría profundamente, e nel seno de las sociedades capitalistas avanzadas, los mecanismos políticos y sociales de rendición de cuentas. Dicha revolución, en efecto, ha permitido traducirlos déficits estructurales, las contradicciones y las paradojas propias de esas sociedades a cuestiones de carácter psicológico e individual (ILLOUZ, CABANAS, 2019, p.62).*

Entendemos, a partir disso, que o repertório cultural hegemônico que atribui ênfase a psicologização da vida e ao individualismo desempenha uma função disciplinar, que torna compatível as emoções com a cultura dominante. Assim, o trabalho converteu-se em uma questão de projetos pessoais, criatividade e empreendimento, a educação configura um processo de ensino-aprendizagem voltado para o estímulo a competências e habilidades individuais, a saúde se converte em um hábito cotidianamente elaborado e o amor significa apenas uma questão de afinidade pessoal (ILLOUZ; CABANAS, 2019).

Esse novo ordenamento social apresenta como consequência, o desmantelamento da dimensão social presente nos fenômenos sociais cotidianos e a valorização da dimensão psicológica. Para Illouz (2019, p.63) “a Política, com *p* maiúsculo, se encontra deslocada por uma política terapêutica” de modo que a felicidade, nesse sentido, não deve ser considerada uma noção abstrata de denotar bem-estar ou saúde, mas sim em um meio eficaz de impulsionar os indivíduos a seguirem os valores neoliberais.

Em contraposição ao imperativo da felicidade nas sociedades hodiernas e ao constante estímulo ao “excesso de positividade” (HAN, 2015) que caracteriza as relações sociais e a forma de situar-se no mundo, podemos resgatar a filosofia clássica alemã, que atribuiu um acento extremamente positivo à infelicidade, uma vez que a infelicidade – as dores, lacerações e desigualdades que estão atreladas a causas sociais, políticas e econômicas – quando refletida, é capaz de revelar as causas, ou seja, as condições objetivas concretas que produzem tais sofrimentos e que, por isso, precisam ser negadas e suprimidas. Podemos compreender que “o homem está na natureza, mas não é natureza como o mineral e o animal, está descontente e insatisfeito com aquilo que é, e no discurso fala daquilo que não é, daquilo que quer introduzir no ser” (WEIL, 2011). Quando os seres humanos codificam a consciência infeliz, eles são capazes de apreender as contradições existentes no mundo concreto, e de negá-las, agindo politicamente e dispondo do uso do “não”. O declínio da consciência infeliz está ancorado no início da era da consciência feliz que, ao tornar individuais e psicológicas as contradições sociais, imuniza as forças hegemônicas de sofrerem com qualquer contestação de suas regras e condicionamentos.

Eva Illouz resgata que é função da sociologia demonstrar e declarar a todos que os sofrimentos contemporâneos – no campo do amor, do trabalho, do sucesso pessoal – não são decorrentes de psiques insuficientes ou disfuncionais, de indivíduos que não foram capazes de acionar o seu “eu” mais profundo e autêntico, mas são, principalmente, resultantes das tensões e contradições sociais e culturais que estruturam os indivíduos e as identidades modernas, são o produto de um sistema econômico, político, jurídico, cultural e tecnológico que produz

desigualdades e que oculta questões de justiça, igualdade e efetivo reconhecimento recíproco entre as pessoas. Para a autora (2009), a miséria humana é moldada por arranjos institucionais.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao propor a construção de um debate teórico e conceitual capaz de expor a importância do estudo e da análise das emoções e sentimentos no âmbito das ciências sociais e, fundamentalmente, da teoria sociológica, a monografia abordou, em um primeiro momento, as principais mudanças – políticas, econômicas, tecnológicas e culturais – que possibilitaram a consolidação de um novo modo de produção capitalista e, também, o surgimento de um processo civilizatório humano inaudito. Em seguida trabalhou a relevância teórica e conceitual das emoções para diversos autores do campo das ciências humanas: filósofos, sociólogos, filósofos políticos para, posteriormente, mostrar que as emoções podem ser instrumentalizadas pelas forças econômicas e políticas hegemônicas em cada época histórica, o que já evidencia a necessidade do seu estudo no campo das ciências sociais e da sociologia. No terceiro capítulo, trabalhamos a sociologia das emoções de Eva Illouz com o objetivo de mostrar como as emoções são construídas cultural e socialmente, exemplificando tal proposição com as contribuições da autora sobre o amor e a felicidade. Esquemáticamente, objetivamos elucidar que as emoções podem ser instrumentalizadas por diversos atores sociais e, além disso, a força hegemônica de determinados atores políticos e econômicos é capaz, inclusive, de criar e estimular estilos emocionais que atribuem ênfase a certas emoções, como é o caso da felicidade, na sociedade atual, o que representa um fenômeno social que deve ser estudado, interpretado e aprofundado pela teoria sociológica que pretenda compreender os fenômenos sociais e a condição humana na contemporaneidade.

Destacamos, portanto, no primeiro capítulo do trabalho, como a globalização econômica e política e os valores hegemônicos do neoliberalismo – desregulamentação da economia e da sociedade, deslocamento dos capitais, descentralização das empresas, declínio do Estado de bem-estar social e das antigas geometrias políticas da primeira modernidade – alteraram os valores, mentalidades, comportamentos e ações dos indivíduos, construindo uma nova base axiológica que atribui primazia a concepção de liberdade, essencialmente particular e privada, bem como a identificação dos seres humanos com capitais humanos ou empreendedores de si mesmos e, ainda, estabelecendo a importância, na sociedade hodierna, da construção da identidade pessoal para os indivíduos.

O propósito de resgatar o contexto histórico e sociológico anteriormente descrito reside em demonstrar como a modernidade é marcada por processos e dinâmicas sociais inauditos sempre mais intensos e radicais em seu cerne e que, dada a aceleração temporal com que ocorrem as transformações na sociedade e nos valores, é necessária a permanente atualização das categorias e conceitos das ciências sociais e da sociologia. Após delinear o contexto temporal e espacial hodierno, partimos, no segundo capítulo, para a exposição da relevância da análise das emoções e sentimentos para autores que elaboraram suas teorias sociais no arco temporal da segunda metade do século XX. Destacamos a compreensão de Arlie Russell Hochschild – uma das principais autoras da sociologia das emoções – de que a sociologia sempre atribui relevância a duas dimensões do eu: a dimensão cognitiva e a dimensão psíquica, ignorando, muitas vezes, a *dimensão emotiva* presente nos indivíduos e, conseqüentemente, deixando de compreender os muitos marcos culturais que formam as emoções e sentimentos.

A partir disso resgatamos como as emoções e sentimentos podem ser instrumentalizados pelas forças políticas e econômicas em cada período histórico. A fim de exemplificar tal constatação, abordamos – com relação ao uso político das emoções e sentimentos – o processo de nacionalização das massas que ocorreu na primeira modernidade e que utilizou um conjunto de técnicas científicas, ritos coletivos e propagandas públicas para acionar as emoções dos indivíduos compreendidos, nesta fase e forma da modernidade, como cidadãos e soldados da pátria. Abordamos também o fenômeno do populismo contemporâneo, evidenciando que esta nova atitude política concentra-se em atingir, fundamentalmente, as emoções – as frustrações, medos, angústias e incertezas – dos eleitores para angariar votos, construindo uma narrativa política agressiva, simples e cheia de chauvinismos, xenofobias e preconceitos.

Com relação aos usos econômicos das emoções, ilustramos como a nova condição do trabalho humano – que sofre com retrocessos no campo dos direitos dos trabalhadores devido à hipercompetitividade globalizada, a possibilidade técnica do capital efetuar deslocamento e ao elevado nível de desemprego estrutural – que passa a acionar as emoções e sentimentos dos trabalhadores como uma nova forma de trabalho, na qual o gerenciamento das emoções parece ser crucial para se manter empregado. Destacamos também o surgimento de uma série inaudita de mercadorias, materiais e imateriais, que possuem como principal função atingir as emoções dos indivíduos.

No terceiro capítulo fazemos um resgate da obra sociológica desenvolvida por Eva Illouz – abordando os dois grandes objetos de estudo da autora: o amor e a noção atual de felicidade – possuindo por principal objetivo o de enfatizar que, nesta nova etapa do processo civilizatório humano, as forças econômicas e políticas não possuem apenas a capacidade

objetiva de acionar determinadas emoções e sentimentos, mas possuem, também, a força necessária para construir emoções, para estimular e disseminar determinados estilos emocionais.

Acreditamos que a compreensão de que, no terceiro milênio, passamos por uma psicologização e individualização dos problemas sociais e coletivos, que faz com que a real essência das desigualdades de renda, recursos e oportunidades, bem como as precárias condições de emprego e justiça social sejam ocultadas é de fundamental relevância, assim como também o é a exposição de que por detrás de determinados imperativos que permeiam a imaginação cultural dos indivíduos, como o imperativo de felicidade, existe a atuação de atores econômicos e políticos hegemônicos, bem como o papel fundamental da cultura.

Descrevemos, no trabalho a força social do neoliberalismo que, longe de ser apenas uma teoria política e uma prática econômica, cristaliza-se, como destacado por Illouz (2018), pela extensão do mercado para todos os campos da vida humana, pela forte utilização de novas tecnologias no âmbito político e econômico, pela reafirmação de princípios utilitaristas e maximização de benefícios privados, pela mercantilização do campo simbólico, emotivo e imaterial da vida humana e construção de um ethos terapêutico que fez com a saúde emocional e a realização pessoal estivesse no centro do progresso social das instituições.

Percebemos, portanto, que algumas das conseqüências do neoliberalismo foram traçadas nesta monografia: a flexibilização das relações de trabalho, as mercadorias emocionais, o discurso terapêutico, a psicologização da vida e, principalmente, a construção cultural das emoções. Concluímos nosso trabalho pontuando a necessidade do estudo das emoções e sentimentos, enfatizando o papel da sociologia em demonstrar que elas não são simples entidades psicológicas e individuais, mas são, principalmente, o produto de relações sociais, de estímulos culturais e sociais, resultantes dos discursos e práticas culturais e que elas agem enquanto constructos essenciais para as forças hegemônica em cada época histórica, auxiliando em formas sempre diversas e mais profundas e silenciosas de dominação dos indivíduos e fragmentações coletivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELL, D. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo. Cultrix. 1974.

BECK, U. **Liberdade ou capitalismo**: Ulrich Beck conversa com Johannes Willms. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BECK, U. **La sociedad del riesgo global**. Madrid: Siglo XXI España Editores, 2002.

BENASAYAG, M. **Oltre le passioni tristi**: dalla solitudine contemporanea alla creazione condivisa. Milão: Giangiacomo Feltrinelli, 2018.

BENASAYAG, M. **Las pasiones tristes**: sufrimento psíquico y crisis social. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI Editora Liberoamericana, 2011.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BODEI, R. **Immaginare altre vite**. Realtà, progetti, desideri. Itália: Feltrinelli, 2013.

BODEI, R. **Destinos personales**: la era de La colonización de las conciencias. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2006.

BODEI, R.; PIZZOLATO, L. **A política e a felicidade**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

BODEI, R. **Geometría de las pasiones, miedo, esperanza, felicidad**: filosofía y uso político. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 22, p. 357-372, June 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104\\_83332004000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104_83332004000100015&lng=en&nrm=iso)>. access on 03 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332004000100015>.

BROWN, W. **Undoing the Demos**: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books, 2015.

BURGIO, A. **Nonostante Auschwitz**: Il ritorno del razzismo in Europe. Roma: Derive Approdi, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EHRENBERG, A. **La società del disagio**: Il mentale e Il sociale. Torino: Einaudi, 2012.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras 2010.

FITZI, Gregor. Agire affettivo, carisma e ascese intramondana: il contributo weberiano alla sociologia delle emozioni. **Società, Mutamento e Politica**: rivista italiana di sociologia, v.2, n.4, p. 37-50, 2011.

GALLI, C. **La mirada de jano**: ensayos sobre Carl Schmitt. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GALLI, C. **Spazi politici**: l'età moderna e l'età globale, Bologna: Il Mulino, 2001.

GALLINO, “La lungamarcia dei neoliberali per governare il mondo”. In **La Repubblica**, **27/07/2015**. Disponível em: [http://temi.repubblica.it/micromega-online/la-lunga-marcia-dei-neoliberali-per-governare-il-mondo/?refresh\\_ce](http://temi.repubblica.it/micromega-online/la-lunga-marcia-dei-neoliberali-per-governare-il-mondo/?refresh_ce). Acessado em: 05 de out. de 2019.

GALLINO, **La lotta di classe dopo la lotta di classe**. Roma: Laterza, 2012.

GALLINO, L. **L’ impresa irresponsabile**. Torino: Einaudi, 2005.

GOETHE, J.W. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. [1774]. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HAN, B. **Nello sciame**. Itália: Nottetempo, 2015.

HAN, B. **La agonía del Eros**. Barcelona: Herder Editorial, 2014

HAN, B. **La sociedad del cansancio**. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

HOCHSCHILD, A. **Strangers in their own land: anger and mourning on the american right**. New York: New Press, 2016.

HOCHSCHILD, A. **The managed heart: commercialization of human feeling**. 3 Edição. Berkeley: University of California Press, 2012.

HOCHSCHILD, A. **The Outsourced Self: What Happens When We Pay Others to Live Our Lives for Us**. New York: Ed. Picador: a metropolitan book henriy Holtand Company, 2012.

HOCHSCHILD, A. **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkeley: University of California Press, 2003.

HORKHEIMER & ADORNO, T. **Ideologia**. In: Temas básicos da sociologia. São Paulo: Cultrix, 1973.

ILLOUZ, E. **Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help**. Berkeley: University of California Press, 2008.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, E. **Emotion as commodities: Capitalism, Consumption and Authenticity**. New York: Routledge, 2018.

ILLOUZ, E. **Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo**. Madrid: Katz Editores, 2007.

ILLOUZ, E. **El futuro del alma: La creación de estándares emocionales**. Espanha: Katz Editores, 2014.

ILLOUZ, E. **Why Love hurts: a sociological explanation**. London: Polity Press, 2012.

ILLOUZ, E. **El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo**. Buenos Aires: Katz editores, 2009.

ILLOUZ, E; CABANAS, E. **Happycracia: Cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas**. Barcelona: Paidós, 2019.

ILLOUZ, E. Emotions, Imagination and Consumption: A new research agenda. **Journal of Consumer Culture**, vol. 9, issue 3, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469540509342053>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

ILLOUZ, E. No coração pulsante da cultura – Entrevista com Eva Illouz. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, p. 299-308

ILLOUZ, E. **La liberté organisée de l'amour. Diogène**. 2013/1, n. 241, p. 115 a 120. Entrevista concedida a Barbara Carnevali e Emanuele Coccia. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-diogene-2013-1-page-115.htm#>. Acesso em: 13 de out. de 2019.

KIRSCHER, G. **Orientarsi**. Filosofare con Eric Weil In Prassi Come Orientarsi nel mondo. Urbino: QuattroVenti, 1991.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. **Los tiempos hipermodernos**. Barcelona: editorial Anagrama, 2004.

LOSURDO, D. **La sinistra assente**: crisi, società dello spettacolo, guerra. Roma: Carocci editores, 2014.

MONTAIGNE, M. **Os Ensaio**s. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

PETERSON; SELIGMAN. **Character strenghts and virtues**: a handbook and classification, New York: Oxford University Press, 2004.

POLANYI, K. **A Grande Transformação**, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 2000 (1944).

REYNIÉ, D. **Populismes: la pente fatale**, Paris: Plon, 2011.

SASKIA, S. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SARACENO, C. **Eredità**.Italia: Rosenberg & Sellier. 2013.

STREECK, W. **Tempo comprado**: A crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Actual, 2013.

TARCHI, M. **L'Italia populista**. Dal qualunquismo a Beppe Grillo. Bologna: Il Mulino, 2015.

TONNIES, F. **Comunidad y sociedad** [1887], trad. de J. Rovira Armengol, Buenos Aires: Losada, 1947.

TWENGE, J; CAMPBELL, W. **The narcissism epidemic**: living in the age of entitlement. New York: Atria Paperback, 2013.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004.

WEIL, E. **Hegel e o Estado**: cinco conferencias seguidas de Marx e a filosofia do direito. São Paulo: É Realizações, 2011.

XENOFONTES. **Memoráveis**. Universidade de Coimbra: Anabellum, 2009.

**Figura 1.** disponível em: <https://www.loc.gov/resource/cph.3g10238/>. Acessado em: 06 de outubro 2019.

**Figura 2.** disponível em:  
<https://www.facebook.com/INSTITUTOBRASILEIRODECOACHING/photos/a.353869457962836/2985078158175273/?type=3&theater>. Acessado em: 20 de outubro de 2019.

**Figura 3.** disponível em:  
<https://www.facebook.com/INSTITUTOBRASILEIRODECOACHING/photos/a.353869457962836/2891872537495836/?type=3&theater>. Acessado em: 20 de outubro de 2019.